



**UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
MARANHÃO**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE CAXIAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
CURSO DE ENFERMAGEM**

EYSHILA MARILIA ALMEIDA ROCHA

**CONHECIMENTO DE PUÉRPERAS ACERCA DO ALEITAMENTO MATERNO EM
UMA MATERNIDADE NO INTERIOR DO MARANHÃO**

CAXIAS - MA

2024

EYSHILA MARILIA ALMEIDA ROCHA

**CONHECIMENTO DE PUÉRPERAS ACERCA DO ALEITAMENTO MATERNO EM
UMA MATERNIDADE NO INTERIOR DO MARANHÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Enfermagem da Universidade Estadual
do Maranhão para o grau de Bacharel em
Enfermagem

Orientadora: Profa. Dra. Joseneide Teixeira
Câmara

CAXIAS - MA

2024

R672c Rocha, Eyshila Marília Almeida

Conhecimento de puérperas acerca do aleitamento materno em uma maternidade no interior do Maranhão / Eyshila Marília Almeida. __Caxias: Campus Caxias, 2024.

64.f.

Monografia (Graduação) – Universidade Estadual do Maranhão – Campus Caxias, Curso de Bacharel em Enfermagem.

Orientador: Prof^ª. Dra. Joseneide Teixeira Câmara.

1. Aleitamento materno. 2. Puerpério. 3. Saúde - Educação. 4. Aleitamento materno – Conhecimento. I. Título.

CDU 613.953.11

EYSHILA MARILIA ALMEIDA ROCHA

**CONHECIMENTO DE PUÉRPERAS ACERCA DO ALEITAMENTO MATERNO EM
UMA MATERNIDADE NO INTERIOR DO MARANHÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao curso de Enfermagem da Universidade
Estadual do Maranhão, como requisito para
obtenção do grau Bacharelado em
Enfermagem.

Aprovado em: 20/02/2024

Eyshila Marília Almeida Rocha

Eyshila Marília Almeida Rocha

Orientanda

BANCA EXAMINADORA

Joseneide Teixeira Câmara

Profa. Dra. Joseneide Teixeira Câmara

Orientadora

Diellison Layson dos Santos Lima

Diellison Layson dos Santos Lima

Examinador 1

Helayne Cristina Rodrigues

Helayne Cristina Rodrigues

Examinador 2

Ao meu Deus pelo sustento, cuidado e proteção nessa jornada, pois sem Ele não conseguiria chegar até aqui. E aos meus pais, pelo apoio, compreensão, noites em oração e muita luta para me oferecer o melhor.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela vida, amor, benevolência, pelos momentos felizes e pelos desertos, por conduzir meus caminhos e me dar capacidade e força para ir em busca dos meus sonhos.

Aos meus pais, pelo amor incondicional, investimento na minha educação, apoio e incentivo que servem de alicerce para minhas realizações.

Às minhas irmãs, que são minhas companheiras, pelo carinho, paciência e por atenderem todos os meus pedidos, me ajudando da melhor forma possível.

À professora Joseneide Teixeira Câmara por toda orientação, confiança, ensinamentos e oportunidades que contribuíram para meu crescimento acadêmico.

À Universidade Estadual do Maranhão pelo curso de excelência, oportunidades e suporte para adquirir conhecimento.

A todos os meus professores do curso de Enfermagem pelo ensino, dedicação e por serem verdadeiros exemplos profissionais, compartilhando não apenas conhecimentos técnicos, mas também suas experiências de vida.

Aos amigos que fiz na graduação por todo incentivo e por tornarem essa jornada mais leve e prazerosa por meio da cooperação mútua e parceria em todos os desafios dessa jornada.

Ao meu melhor amigo e namorado, por compartilhar comigo sorrisos e lágrimas, por recarregar minhas energias com seu amor, palhaçadas e “conversas-cabeça”, sendo um porto seguro em minha vida.

E a todas as pessoas que tiveram participação direta e indireta na elaboração e desenvolvimento deste trabalho e na minha formação, o meu muito obrigada.

RESUMO

O Aleitamento Materno é um fenômeno fisiológico e natural entre mãe e filho. A Organização Mundial de Saúde preconiza que deve ser exclusivo até os seis meses de idade e que seja mantido até os dois anos. A falta de conhecimento materno sobre amamentação, além de outros fatores, contribui para o desmame precoce e baixa manutenção do Aleitamento Materno Exclusivo. Nesse contexto, tendo como base a relevância do tema no entendimento acerca das maiores dificuldades e desafios das mães, o objetivo deste trabalho é avaliar o conhecimento de puérperas acerca do aleitamento materno em uma maternidade no interior do Maranhão. Trata-se de uma pesquisa descritiva-exploratório, com abordagem quantitativa, desenvolvida com puérperas em uma maternidade no interior do Maranhão. Os dados foram coletados por meio da aplicação de um formulário com questões socioeconômicas, antecedentes obstétricos e história reprodutiva, gestação atual e questões sobre experiência com aleitamento. Logo após, foi utilizado um teste confeccionado por Gonçalves (2016), com 15 itens para investigar o conhecimento sobre aleitamento materno. Os dados foram digitados no programa *Epiinfo* e *Jamovi* para análise estatística por meio de frequência simples, desvio padrão e do Teste *t-Student* para comparação de médias. Das 102 puérperas participantes do estudo, 46,08% demonstraram conhecimento intermediário ao responder os itens dessa pesquisa relacionados à amamentação. O número de acertos variou de 4 (26,67%) a 15 (100%) e a média foi de 9,39 acertos. Avaliou-se a média obtida no teste de conhecimento sobre amamentação correlacionada com as variáveis idade, escolaridade, renda familiar, autoavaliação sobre conhecimento e orientações recebidas no pré-natal ou hospital. Somente a variável nível de escolaridade esteve significativamente associada com a média do conhecimento sobre amamentação, apresentando p-valor de 0,013. O presente estudo evidenciou a importância do conhecimento das mães sobre o aleitamento materno para sua prática e prevalência. Consta-se que apesar de a maioria das puérperas receberem orientações no pré-natal e/ou maternidade, grande parte demonstrou conhecimento intermediário sobre a temática. Isso demonstra que ainda existem lacunas a serem preenchidas pelas instituições, profissionais e gestores em saúde.

Palavras-chave: Aleitamento Materno; Conhecimento; Puerpério; Educação em Saúde.

ABSTRACT

Breastfeeding is a physiological and natural phenomenon between mother and child. The World Health Organization recommends that it should be exclusive until six months of age and maintained until two years of age. Lack of maternal knowledge about breastfeeding, as well as other factors, contributes to early weaning and poor maintenance of Exclusive Breastfeeding. In this context, based on the relevance of the topic in understanding mothers' greatest difficulties and challenges, the aim of this study is to assess the knowledge of puerperal women about breastfeeding in a maternity hospital in the interior of Maranhão. This is a descriptive-exploratory study, with a quantitative approach, carried out with puerperal women in a maternity hospital in the interior of the state of Maranhão. Data was collected using a form with socio-economic questions, obstetric history and reproductive history, current pregnancy and questions about breastfeeding experience. Afterwards, a test designed by researcher Gonçalves (2016), was used, with 15 items to investigate knowledge about breastfeeding. The data was entered into the *Epiinfo* and *Jamovi* programs for statistical analysis using simple frequency, standard deviation and the Student's t-test to compare means. Of the 102 puerperal women taking part in the study, 46.08% demonstrated intermediate knowledge when answering the survey items related to breastfeeding. The number of correct answers ranged from 4 (26.67%) to 15 (100%) and the average was 9.39 correct answers. The mean score obtained in the breastfeeding knowledge test was correlated with the variables age, level of education, family income, self-assessment of knowledge and guidance received during prenatal care or in hospital. Only the level of schooling variable was significantly associated with the average knowledge of breastfeeding, with a p-value of 0.013. This study showed the importance of mothers' knowledge about breastfeeding for its practice and prevalence. Despite the fact that the majority of puerperal women received guidance during the prenatal period and/or maternity hospital, most of them showed intermediate knowledge on the subject. This shows that there are still gaps to be filled by health institutions, professionals and managers.

Keywords: Breast Feeding; Knowledge; Postpartum Period; Health Education.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 OBJETIVOS	12
2.1 GERAL.....	12
2.2 ESPECÍFICOS	12
3 REVISÃO TEÓRICA	13
3.1 O ALEITAMENTO MATERNO.....	13
3.2 ASPECTOS FISILÓGICOS DO ALEITAMENTO	14
3.3 IMPORTÂNCIA DO ALEITAMENTO NA SAÚDE MATERNA E INFANTIL	15
3.4 PAPEL DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE NA TRANSMISSÃO DE SABERES E PROMOÇÃO DO ALEITAMENTO	17
3.5 O PAPEL DA ENFERMAGEM	18
3.6 CONHECIMENTO DAS MÃES SOBRE O ALEITAMENTO.....	19
4 METODOLOGIA.....	22
4.1 TIPO DE ESTUDO	22
4.2 CENÁRIO DO ESTUDO.....	22
4.3 POPULAÇÃO AMOSTRA.....	23
4.4 FONTE DE DADOS	23
4.5 ANÁLISE DE DADOS	24
4.6 ASPECTOS ÉTICOS E LEGAIS	24
4.6.1 Riscos	24
4.6.2 Benefícios.....	25
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	25
6 CONCLUSÃO.....	37
REFERÊNCIAS	38
APÊNDICES	46
ANEXO.....	51

1 INTRODUÇÃO

O Aleitamento Materno (AM) é um fenômeno fisiológico e natural entre mãe e filho. A Organização Mundial de Saúde (OMS), o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) e o Ministério da Saúde (MS) preconizam que o aleitamento deve ser exclusivo até os seis meses de idade. Ou seja, não é necessária a ingestão de alimentos sólidos ou outros líquidos como água, chás ou sucos, durante esse período. Além de ser a fonte ideal de alimentação, o aleitamento é de extrema importância para a saúde, devendo ocorrer até os dois anos ou mais (Lima; Nascimento; Martins, 2018).

O Leite Materno (LM) tem um impacto amplo, pois proporciona inúmeros benefícios efetivos ao binômio mãe-bebê, tais como a regulação da temperatura e taxa de glicose sanguínea do bebê; menor incidência de infecções na criança, por causa dos fatores imunológicos que o compõem; maior vínculo afetivo, diminuição do risco de cânceres na mãe que amamenta, redução de gastos da família com alimentação e muitos outros (Silva, *et al.*, 2020).

Diversos estudos apontam que a eficácia da amamentação depende grandemente da mãe, sendo o papel desempenhado pela mulher, durante todo esse processo, o mais importante. Da escolha da mãe em realizar a amamentação, do esforço dedicado por ela e sua perseverança para amamentar, dos padrões de pensamento e aspectos emocionais que podem potencializá-la ou desencorajá-la, serão determinados os fatores que podem influir positiva ou negativamente no processo de aleitamento. Por isso, à mulher deve ser oferecida orientação durante o período pré e pós parto (Silva *et al.*, 2022).

No Brasil, as puérperas iniciam o Aleitamento Materno Exclusivo (AME) mas a maioria não permanece oferecendo-o até o fim dos seis primeiros meses do Recém-Nascido (RN), sendo a prevalência de AME nesse período de 41%, com média de 54,1 dias. Somado às dificuldades ocorridas para a manutenção da amamentação, nota-se a necessidade de auxílio e orientação, principalmente no pós-parto, onde existe mais dificuldades para o processo de AM. Entre eles, problemas com as mamas e a pega do bebê, e entraves psicossociais relacionados ao desejo de amamentar e dificuldade na prática, apoio familiar e social ineficaz e falta de conhecimento da mãe sobre o processo e prática da amamentação (Minosso *et al.*, 2020).

De acordo com pesquisas realizadas por Suárez-Cotelo *et al.* (2019), o nível de conhecimento de mulheres sobre o aleitamento materno foi regular em 55,5% e ruim em 19,5% dos casos, sendo esse resultado influenciado por alguns fatores sociodemográficos como idade,

número de partos e nível de estudo. Segundo os autores, as mulheres com mais conhecimento sobre AM, apresentam uma maior disposição para amamentar seus filhos após o parto. Ademais, o nível de conhecimento dessas mulheres também está relacionado à manutenção do aleitamento materno e, conseqüentemente, diminuição do risco de desmame precoce.

Nesse sentido, a transmissão de conhecimento para as puérperas é essencial para a continuidade da amamentação e uma prática correta, contribuindo para que ela maneje o momento da melhor forma possível, mantenha uma posição eficaz, higiene adequada, alimentação e hábitos que tragam benefício à saúde do binômio mãe-bebê (Zago; Maciel, 2020).

Dessa forma, o presente estudo tem como base o seguinte problema: As puérperas internadas em uma maternidade no interior do Maranhão apresentam conhecimento sobre o Aleitamento Materno?

Nota-se que apesar das irrevogáveis evidências dos benefícios do aleitamento, há uma discrepância na adesão da prática da amamentação nos períodos etários preconizados pelo Ministério da Saúde e demais órgãos internacionais (Rocha *et al.*, 2018).

De acordo com o Estudo Nacional de Alimentação e Nutrição (ENANI, 2019) do Ministério da Saúde, a prevalência de AME em menores de seis meses foi de 45,8% no Brasil, sendo maior na Região Sul (54,3%) e menor na região Nordeste (39%). Ainda, segundo a pesquisa, na faixa etária entre quatro e cinco meses, 23,3% das crianças estavam em AME no Brasil, sendo a maior prevalência na região Sul (41,8%) e a menor na Região Nordeste (12,9%). Nota-se o aumento expressivo desses indicadores, comparados aos dados de 1986. Porém, o Brasil permanece distante das metas da OMS para 2030, tendo ainda muitos desafios a enfrentar. Sendo assim, ainda é necessário que haja o fortalecimento do aleitamento materno no país (UFRJ, 2021).

Diante do exposto, a Região Nordeste se destaca com os menores índices, sendo importante considerar os fatores que contribuem para tal prevalência. A falta de conhecimento, além dos demais fatores, contribui para o desmame precoce e baixa manutenção do AME, sabendo desse contexto, e acreditando na relevância do tema, investigar o nível de conhecimento das mães em relação ao aleitamento é importante para entender quais são suas maiores dificuldades e desafios.

Logo, ter um diagnóstico local, contribui para a decisão de quais abordagens e ações educativas devem ser instituídas, melhoradas ou mantidas pelos profissionais e gestores de saúde; promove incentivo à comunicação efetiva entre esses profissionais e as puérperas; ratifica a importância da inclusão e participação dos pais e outros familiares no processo de educação em

saúde; e reafirma a importância da atuação do profissional de saúde, que é uma peça-chave na promoção do aleitamento, para a saúde e qualidade de vida da mãe e da criança.

2 OBJETIVOS

2.1 GERAL

Avaliar o conhecimento de puérperas internadas em uma Maternidade no interior do Maranhão, acerca do aleitamento materno.

2.2 ESPECÍFICOS

- Descrever o perfil sociodemográfico das puérperas internadas em uma Maternidade no interior do Maranhão;
- Conhecer as características obstétricas das puérperas internadas em uma Maternidade no interior do Maranhão;
- Classificar o nível de conhecimento das puérperas acerca do aleitamento materno em uma Maternidade no interior do Maranhão.

3 REFERENCIAL TEMÁTICO

3.1 O ALEITAMENTO MATERNO

O Aleitamento Materno (AM) é uma das mais brilhantes manifestações fisiológicas do corpo humano, pois garante uma nutrição segura e completa da criança, além de promover vínculo entre mãe e filho, afeto e proteção contra a morbimortalidade infantil. A amamentação é vital para o desenvolvimento e saúde da criança e, portanto, tem grande impacto social e sustentável para a população (Brasil, 2015). Apesar da indústria tentar produzir um leite artificial que atenda as demandas nutricionais da criança, não existe outro como o leite materno, capaz de proteger a criança de infecções comuns na infância pela quantidade de anticorpos maternos em seu conteúdo, além de repercutir benefícios até mesmo na vida adulta (Brasil, 2019).

Nesse sentido, existem no Brasil diversas iniciativas de programas e políticas que visam a promoção, proteção e apoio à prática do aleitamento. Em 12 de abril 2017, sancionado pela Lei nº 13.435, foi instituído o mês de promoção da amamentação, sendo “Agosto Dourado” o símbolo da Campanha que busca realizar ações de sensibilização quanto a relevância do aleitamento, por meio de ações de educação, eventos, palestras e reuniões nos serviços de saúde e na comunidade (Santos, 2018).

De acordo com as definições estabelecidas pela OMS, o aleitamento classifica-se em: Aleitamento materno exclusivo, quando a alimentação da criança é somente leite materno, sem qualquer outro complemento ou suplemento nutricional; Aleitamento materno predominante, quando, além do leite, a criança recebe água, chás e outros fluidos; Aleitamento materno complementado, quando, além do leite, ela recebe alimentos complementares; Aleitamento materno misto, quando, além do leite materno, ela se alimenta de outros tipos de leite (WHO, 2007). Somente o leite materno deve ser oferecido até os seis meses de idade, e até vinte e quatro meses ou mais, ele continua sendo benéfico à saúde infantil, fornecendo nutrientes essenciais e proteção contra agentes infecciosos. Porém as prevalências de amamentação nessas faixas etárias continuam aquém das recomendadas pelo MS e OMS (Dominguez *et al.*, 2017).

É importante que a criança seja amamentada desde a primeira hora de vida e em livre demanda. Para que a amamentação seja eficiente, existem algumas técnicas utilizadas no momento da mamada. Não é necessária a lavagem das mamas antes da amamentação, apenas a higiene pessoal diária da mãe é suficiente. O ideal é que a mulher escolha um local confortável, seguro e

calmo; ela pode escolher a posição que seja mais agradável, onde esteja bem posicionada, para não sentir desconforto durante e após o processo. O melhor parâmetro para uma boa posição é a barriga da mãe próxima à barriga do bebê (Ribeirão Preto, 2020).

A mãe deve ser orientada quanto a observar os comportamentos do bebê e saber identificar os sinais de fome, para evitar que ele chore e fique agitado, o que tornará a pega mais difícil. Para que haja uma boa sucção o bebê deve abocanhar a maior parte da aréola da mama, pois a pega apenas do mamilo aumenta o risco de fissuras e feridas. O lábio inferior deve estar voltado para fora e a parte superior deve ser visualizada, correspondendo à chamada “boquinha de peixe”. Por fim, as bochechas devem estar cheias e redondas e a criança ter um aspecto calmo, sugando a mama de modo profundo e lento (Serva; Valente, 2018).

3.2 ASPECTOS FISIOLÓGICOS DO ALEITAMENTO

Conhecer sobre os aspectos anatômicos e fisiológicos da mama e seu funcionamento durante o momento de lactação é essencial para a eficácia desse processo. Nesse sentido, é dever dos profissionais de saúde que lidam com a amamentação, seja direta ou indiretamente, entender como funciona o complexo mecanismo neuroendócrino da produção do leite materno, assim como, saber diferenciar os aspectos anatômicos e funcionais de maturação da mama. Dessa forma, poderão compreender e orientar as lactantes de forma eficaz (Rolim; Martins, 2002).

O desenvolvimento e funcionamento da glândula mamária são comandados por uma série de hormônios, cada um desempenhando uma função específica. Entre eles, a prolactina associada ao cortisol e hormônio do crescimento estimula o desenvolvimento do epitélio da mama e a lactogênese diferenciando e amadurecendo as células que produzem leite (Vieira; Martins, 2018).

Durante a gestação, ocorre um processo chamado lactogênese fase I, o estrogênio e a progesterona atuam no desenvolvimento dos ductos e aumento dos componentes lobulares. Já no pós-parto esses dois hormônios decaem e há liberação da prolactina. O primeiro leite produzido é o colostro, formado com a liberação de prolactina na lactogênese fase II à fase III, até cerca do quarto ou quinto dia pós parto (Ribeirão Preto, 2020)

O mamilo possui micro receptores que sinalizam ao hipotálamo pela via nervosa aferente, o momento da pega do bebê na mama. Logo, a prolactina é produzida na adenoipófise, e é liberada para estimular a produção do leite nos alvéolos mamários. Da mesma forma, com a sucção do bebê, a neuro hipófise produz a ocitocina que é liberada no sangue e estimula as células mioepiteliais dos

alvéolos, que contraem e secretam o leite (Guyton; Hall, 2017). Salienta-se que o processo de ejeção do leite envolve aspectos psicossomáticos e é influenciado por fatores psicológicos. Assim, quando a mulher é submetida a situações de estresse, a produção de leite tende a diminuir, pois esses episódios promovem a liberação da adrenalina, que comprime os vasos perialveolares, limitando a ação da ocitocina (Silva, 1998).

A ansiedade, insegurança e medo de não produzir leite suficiente ou de ter um “leite fraco”, pode levar à inibição direta do reflexo de ocitocina. Já a prolactina tem seus níveis aumentados durante a gestação e sempre que a mulher amamenta. Portanto, o principal estímulo para produção do leite é a sucção do bebê no mamilo, quanto maior é a quantidade de leite extraída maior é a sua demanda e produção (Órfão; Gouveia, 2009).

3.3 IMPORTÂNCIA DO ALEITAMENTO NA SAÚDE MATERNA E INFANTIL

Há diversas evidências epidemiológicas que reforçam a importância do aleitamento materno para a mulher e para o recém-nascido, dado que é um processo que traz benefícios a curto e longo prazo em diversos aspectos, sejam eles nutritivos, imunológicos, psicológicos ou outros (SOUSA *et al.*, 2021). O leite materno possui uma série de componentes que protegem a criança contra infecções do trato respiratório e doenças diarreicas, além de influenciar na gravidade e progressão dessas doenças. O AME nos primeiros seis meses de vida, previne Diabetes Mellitus tipo 1 e diminui o risco de alergias ao leite de vaca (Brasil, 2015).

Quando a amamentação ocorre da forma ideal, proporciona à criança saúde e qualidade de vida, fortalecimento do sistema imunológico e menos risco de hospitalização, já que a criança que é ou foi amamentada tem maior proteção contra doenças (Carvalho; Passos, 2021). Da mesma forma, propicia maior economia para a família, pois reduz os gastos extras com fórmulas infantis, internações hospitalares e medicamentos, além de ser um alimento que não exige preparo, pois é fornecido pela própria mulher, reduzindo também os dispêndios de tempo, água e gás (Brasil, 2019).

A falta de amamentação natural pode gerar problemas para a saúde bucal da criança, uma vez que o bebê que não é amamentado não realiza um exercício físico constante que promove o desenvolvimento dos músculos e ossos bucais, o que pode trazer prejuízos na deglutição, mastigação, dentição e fala (Kuboyama, 2019).

Os benefícios da amamentação não são exclusivos à criança, mas muitas mulheres não sabem disso. Para as lactantes, a amamentação é importante em diversos aspectos. O AM inclui vantagens a longo prazo como a redução do risco de câncer de mama e ovário, menor risco de a mãe adquirir diabetes tipo 2, e ainda, menor risco de hemorragias no pós parto. Mulheres que permanecem amamentando por menos tempo têm uma maior chance de desenvolver uma depressão pós-parto (Chowdury *et al.*, 2015). Evidências apontam o papel da amamentação no puerpério, pois o aleitamento exclusivo ou predominante é associado com maiores períodos de amenorreia, aumento do intervalo entre os partos e redução do número de nascimentos nesse período, contribuindo para que haja um planejamento familiar (Victoria *et al.*, 2016).

Quando a mulher amamenta há um estímulo para a produção de ocitocina, hormônio que promove a contração uterina e faz com que haja a redução do sangramento pós-parto, o que confere maior proteção da mulher contra hemorragias, anemias e outros transtornos (Ramiro *et al.*, 2021). A amamentação também fornece o aumento do vínculo afetivo entre mãe e filho. Há evidências que apontam a relação do aleitamento com o neuro-comportamento positivo de ambos os participantes do processo. As mães que amamentam podem apresentar menos estresse, já os bebês amamentados, podem ser mais atentos, estabelecer relações com os familiares, chorar menos e ter um melhor desenvolvimento cognitivo do que os alimentados com fórmula infantil (Woodward; Liberty, 2017).

Outros estudos epidemiológicos ainda apontam que: o AM contribui para que as mulheres tenham uma massa óssea mais densa, o que reduz o risco de osteoporose futura; mulheres que amamentam por um período mais prolongado tem menos risco de desenvolver doenças vasculares comparadas às que nunca amamentaram; há uma relação da amamentação com a redução do risco de se desenvolver algumas patologias, como a doença de Alzheimer, artrite reumatoide e esclerose múltipla (Ciampo; Ciampo, 2019).

A amamentação traz contribuições à sociedade ao prevenir gastos do sistema de saúde e das famílias pelo adoecimento dos filhos. Ademais, contribui para um melhor desenvolvimento intelectual da criança, resultando em adultos mais aptos no trabalho. Do mesmo modo, promove a sustentabilidade ambiental do planeta por dispensar (ou minimizar) a produção industrial de fórmulas lácteas e suas embalagens, extração dos recursos naturais e conseqüentemente, a poluição produzida por estes (Brasil, 2019).

3.4 PAPEL DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE NA TRANSMISSÃO DE SABERES E PROMOÇÃO DO ALEITAMENTO

Dentre outros fatores, a prevalência do aleitamento materno recebe influência da presença de orientações e conhecimento que as mulheres recebem no período gravídico-puerperal e da rede de apoio fornecida pelos profissionais de saúde. O ideal é que profissionais da Atenção Primária à Saúde (APS) repassem informações a respeito do manejo e benefícios da lactação. Para isso, devem ser capacitados a promover e apoiar a amamentação, tornando essa educação em saúde mais efetiva e contribuindo para que as mães se tornem mais independentes e seguras no enfrentamento de possíveis desafios que possam surgir nessa etapa (Alves *et al.*, 2018).

É errôneo afirmar que a amamentação é uma prática meramente instintiva, já que também é um processo altamente influenciado pelas experiências da mãe-nutriz e ambiente sociocultural em que ela está inserida. Sob essa lógica, é importante que os profissionais desmistifiquem crenças que atuam negativamente no processo de lactação e tenham como meta reduzir a alimentação complementar precoce, ensinando boas práticas de amamentação, como a pega correta da mama, posição da criança e cuidados com os seios (Ferreira; Gomes; Fracolli, 2018).

Ao atuar no manejo e orientação das práticas de lactação, o profissional da saúde também deve voltar seu olhar para a promoção do sentimento materno positivo, ensinando a mulher como lidar com os sentimentos em relação à criança e à amamentação, atentando para as necessidades e desejos da nutriz (Silva *et al.*, 2021).

O conhecimento da mãe pode ser um mentor da conduta materna no processo de lactação. E esse saber pode ser exposto às intervenções advindas do seio familiar, que muitas vezes envolve aspectos culturais, e até mesmo mitos. Nesse âmbito, os trabalhadores de saúde que prestam cuidados à mulher, devem sim atuar nesse processo de orientação, porém respeitando os conhecimentos e crenças preconcebidos por essa mulher (Peres *et al.*, 2021).

Nessa perspectiva, cabe aos profissionais desenvolver práticas educativas nos serviços de saúde voltadas para o desenvolvimento da independência e responsabilidade pelo autocuidado. Não sendo, ainda, por uma intervenção autoritária de um conhecimento técnico-científico, mas pelo saber adquirido por meio do direcionamento e promoção do protagonismo da paciente (Dias *et al.*, 2021).

É inegável a importância de profissionais de saúde qualificados na APS para prestarem informações e, portanto, fornecer apoio à mulher e sua família, e isso deve ocorrer durante o pré-

natal, na maternidade e no pós-parto. No entanto, os próprios profissionais podem tornar-se uma barreira na promoção do conhecimento sobre aleitamento e para sua prática, uma vez que apenas uma parcela se compromete a realizar cursos/capacitações em AM (Peres *et al.*, 2021).

O AM proporciona benefícios à saúde e recuperação materna no pós-parto. Logo, desde o pré-natal a mulher deve ser orientada, para aumentar sua bagagem de conhecimentos sobre a amamentação e tornar-se mais confiante. Para isso, é importante que os profissionais de saúde, estejam capacitados, pois o sucesso da amamentação, depende muito do quanto essa mulher foi bem aconselhada (Nascimento *et al.*, 2019). O conhecimento profissional a respeito do manejo do aleitamento adquirido nas escolas e faculdades também favorecem o aumento da prevalência do AME (Menezes *et al.*, 2020).

Em várias pesquisas mulheres demonstram um conhecimento mediano sobre o AM, mas que não surge efeito na sua prática diária. Por isso, a atuação da equipe multiprofissional é um dos principais pilares para um aleitamento tranquilo e prazeroso (Santos *et al.*, 2019). Por meio do direcionamento dado pelos profissionais, tanto a mulher como sua família sentem-se mais confortáveis, desde o processo da gestação até o pós-parto e amamentação. Por isso, é dever da equipe de saúde promover humanização e acolhimento às mães, não importando o tipo de parto que esta teve (Coelho; Menezes; Lobo, 2019)

A mulher deve receber orientações prévias sobre AM no período pré-natal, seja nas consultas ou ao participar de ações educativas que abordam essa temática nos serviços de saúde da APS, pois elas contribuem para o conhecimento das mães. Porém, a importância do repasse dessas informações não se dá apenas na base do serviço de saúde, nas maternidades essas atitudes cooperam para a manutenção da amamentação nos meses subsequentes ao nascimento da criança (Santos *et al.*, 2020).

No Alojamento Conjunto (AC) também devem ser realizadas práticas de educação voltadas para a promoção do AM. O profissional de saúde da Maternidade deve investigar quais os conhecimentos prévios da paciente, pois muitas vezes são insuficientes para uma boa prática de amamentação. Assim sendo, cabe a ele sanar as dúvidas e esclarecer mitos, escutar atentamente e guia-la para uma boa prática de aleitamento, observando a pega do bebê à mama e corrigindo, caso haja falhas, para evitar possíveis complicações (Pereira *et al.*, 2021).

3.5 O PAPEL DA ENFERMAGEM

Por estar mais próximo da mulher e acompanhá-la em todo o pré-natal e também nas consultas de puericultura, o enfermeiro torna-se uma peça-chave na assistência direta às mulheres e suas famílias. Assim, é de sua responsabilidade empregar meios facilitadores de educação em saúde, deixando a paciente confortável para sanar suas dúvidas, expressar suas dificuldades e anseios, bem como prestar orientações e esclarecimentos necessários sobre a amamentação e seus benefícios para o binômio mãe e filho (Barbosa; Reis, 2020).

Oliveira e colaboradores (2019), concluíram a necessária presença da enfermagem no processo de lactação. No estudo, mães que receberam auxílio e orientação precisos dessa classe de profissionais, alcançaram sucesso na manutenção do AME até os seis meses de idade. É na consulta de enfermagem do pré-natal que o enfermeiro tem maior acesso e relacionamento com a mãe e deve aproveitar esse momento para abordar sobre a amamentação, prestando toda a assistência necessária à gestante. Como gerenciador da equipe de Estratégia de Saúde da Família (ESF) e responsável pela organização, planejamento e capacitação da equipe, o enfermeiro é essencial para a promoção de conhecimentos sobre o AM (Nascimento, 2021).

Tendo como objetivo o crescimento dos índices de prevalência do AME até os seis meses e, conseqüentemente, maior qualidade de vida à mãe e à criança, a Política Nacional de Aleitamento Materno (PNAM) visa a implementação e promoção de ações que promovam o aleitamento nas primeiras horas de vida do Recém-Nascido (RN). O enfermeiro é o profissional capacitado para prestar auxílio nesse momento, baseando suas ações nos “Dez Passos para o Sucesso da Aleitamento Materno” que incluem apoio contínuo, capacitação profissional e assistência à nutriz (Mascarenhas *et al.*, 2022).

O profissional enfermeiro precisa adotar uma comunicação objetiva e simples no ensinamento das boas práticas à mulher. Deve ser solícito a ajudá-la a conquistar uma autoconfiança em sua capacidade de amamentar, observando e corrigindo, se necessário, a pega do RN no seio materno e as posições da bítade mãe-bebê. Por conseguinte, a presença da enfermagem se faz importante no puerpério. Utilizando-se de uma abordagem holística, ela considera a mulher não somente nos aspectos físicos e biológicos pós gestação, mas contempla as alterações psicoemocionais que, conjuntamente, podem contribuir negativamente no desempenho da lactação (Santos *et al.*, 2019).

3.6 CONHECIMENTO DAS MÃES SOBRE O ALEITAMENTO

O AM é influenciado por vários fatores, pois é exposto a uma gama de contextos: biológicos, socioculturais, históricos e econômicos. Dentre eles está a falta de conhecimento das mães a respeito desse processo que, de maneira significativa, exerce influência sobre a adesão e duração da amamentação, por exemplo (Amaral *et al.*, 2021).

Diversos estudos abordam a caracterização do conhecimento de mães a respeito do aleitamento materno e apresentam um conhecimento satisfatório dessas mulheres quanto às atitudes e práticas de amamentação (Queiroz *et al.*, 2021). Porém, a literatura também aponta que a proporção de mães que desconhece os ensinamentos básicos sobre AM ainda é bastante significativa, podendo ser um fator de risco importante para o abandono do aleitamento exclusivo e elevação das taxas de desmame precoce (Pizzato *et al.*, 2020).

O conhecimento da mulher sobre a temática da amamentação é um dos principais fatores que contribuem na decisão de amamentar. A formação desse saber se inicia no seio familiar a partir de concepções herdadas, principalmente das mães, avós, tias; somadas aos saberes socioculturais do ambiente em que a mulher está inserida e àqueles adquiridos nos serviços do pré-natal da Atenção Primária à Saúde (Alves *et al.*, 2017).

Em uma pesquisa realizada por Souza *et al.* (2017), evidenciou-se a necessidade do repasse de informações e conhecimento das mães a respeito do aleitamento, pois mais da metade das mulheres declarou não ter recebido nenhuma orientação específica de nenhum dos profissionais médicos, enfermeiros, nutricionistas, fonoaudiólogos ou outros, tão pouco das mídias de comunicação ou da sua rede pessoal de relacionamento.

Ocorre que muitas parturientes ainda apresentam dúvidas no manejo da amamentação, apesar de reconhecerem que a prática traz vantagens de proteção para os seus filhos, ainda há muitas dúvidas quanto aos benefícios ofertados à própria mulher. Outrossim, dúvidas e inseguranças apresentadas por mulheres a respeito do AME tem relação direta com a educação recebida e o preparo no pré-natal, e contribuem diretamente para o sucesso ou não da amamentação (Barros *et al.*, 2021).

Quando as puérperas não são devidamente orientadas e apresentam conhecimento deficiente sobre a amamentação, aumenta-se o risco à não adesão e efetividade dessa prática. Isso demonstra uma rede de assistência desarticulada entre os níveis de saúde primário e terciário durante o acompanhamento da parturiente (Aleixo *et al.*, 2019).

Vieira e Conceição (2020) em seus estudos, relacionaram o maior nível de conhecimento sobre amamentação e alimentação complementar com a maior probabilidade da mãe ou outro responsável fornecer uma alimentação saudável à criança. A mãe tem o papel de maior influenciadora e responsável pelos comportamentos e hábitos de alimentação infantil. Logo, se ela possui conhecimento, possivelmente, poderá aderir e manter a amamentação por mais tempo e ter mais segurança nessa prática.

4 METODOLOGIA

4.1 TIPO DE ESTUDO

Trata-se de uma pesquisa transversal descritiva-exploratória, com abordagem quantitativa.

De acordo com Silveira e Córdova (2009) a pesquisa descritiva exige do investigador uma série de informações sobre o que deseja pesquisar. Esse tipo de estudo pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade.

A pesquisa exploratória tem como finalidade proporcionar mais informações sobre o assunto que vamos investigar, possibilitando sua definição e seu delineamento, isto é, facilitar a delimitação do tema da pesquisa; orientar a fixação dos objetivos e a formulação das hipóteses ou; descobrir um novo tipo de enfoque para o assunto (Prodanov; Freitas, 2013).

E, a abordagem quantitativa centra-se na objetividade, considerando que realidade é compreendida por meio da análise de dados brutos (Fonseca, 2002).

4.2 CENÁRIO DO ESTUDO

O cenário desta investigação foi o município de Caxias - MA. A cidade possui uma área de 5.201,927 Km², banhado pelo Rio Itapecuru e com clima tropical, situando-se na Região Leste do Estado do Maranhão, localizado a 374 Km da capital maranhense, São Luís, e 70 Km da capital piauiense, Teresina. A sua infraestrutura de transporte possibilita o acesso à capital maranhense pela rodovia BR-122 e à capital piauiense pela BR-316. Caxias, que faz divisa ao sul com os municípios de Matões e Parnarama, a oeste São João do Soter e Codó, a leste com rio Parnaíba e Timon e norte com Coelho Neto e Aldeias Altas (IBGE, 2021).

A pesquisa foi realizada na Maternidade Carmosina Coutinho, localizada no município de Caxias - MA. Segundo informações disponibilizadas pela direção da própria unidade de saúde, a maternidade possui 75 leitos, sendo 10 de UTI. Possui banco de leite humano e realiza o trabalho de média e alta complexidade. Toda a estrutura da maternidade é atendida diuturnamente por uma equipe de 235 profissionais. A maternidade realiza por mês cerca de 400 partos e atende as parturientes de pelo menos 50 municípios da macrorregião de saúde de Caxias. A unidade é referência para outras cidades da região, como Timon, Coelho Neto, Aldeias Altas e Codó, para atendimento de alto risco.

4.3 POPULAÇÃO/AMOSTRA

A pesquisa foi composta por puérperas que estiveram internadas na Maternidade Carmosina Coutinho, sendo incluídas no estudo aquelas que, independentemente se primíparas ou multíparas, tiveram seu parto assistido no referido hospital no período de outubro a dezembro de 2023. Foram excluídas do estudo puérperas apresentando intercorrências clínicas ou obstétricas no período puerperal, como inaptidão cognitiva ou emocional (autorreferida), mulheres portadoras de HIV ou Hepatite B impossibilitadas de amamentar.

A população do estudo foi composta por puérperas internadas no alojamento conjunto da maternidade, sendo a amostra, não probabilística, constituída por 102 participantes.

4.4 FONTE DE DADOS

Para coleta de dados foi aplicado um formulário estruturado, abordando os aspectos socioeconômicos, antecedentes obstétricos, dados sobre a gravidez mais recente e perguntas sobre aleitamento materno.

Após esses questionamentos, foi aplicado um instrumento confeccionado pela pesquisadora Gonçalves (2016) em sua dissertação de mestrado profissional em Saúde da Mulher, Criança e Adolescente. Os itens sobre amamentação foram baseados no conteúdo do Ministério da Saúde, mais precisamente nos Cadernos de Atenção Básica nº 23 e nº 33 dos anos de 2009 e 2012 respectivamente (ANEXO A).

Cada item do instrumento apresentou três respostas categóricas: “verdadeiro”, “falso” ou “não sei”. A participante da pesquisa deveria responder escolhendo apenas uma opção de resposta. No que tange a pontuação, para cada resposta correta foi registrado um ponto, já as respostas erradas e “não sei” não foram pontuadas. Para cada questionário de avaliação do conhecimento e prática do aleitamento materno foi gerado um escore final correspondente a somatória de todos os acertos.

Semelhantemente à pesquisa de Minosso *et al.* (2022), quanto mais próximo da totalidade de acertos, mais a possibilidade do conhecimento materno sobre o AM ser adequado. Dessa forma, as mulheres que acertaram mais de 80% dos itens foram consideradas com conhecimento

suficiente, aquelas com conhecimento entre 60 a 80%, com conhecimento intermediário e as que acertaram menos de 60%, com pouco conhecimento sobre AM.

O formulário e o instrumento foram aplicados através de entrevista pessoal em ambiente reservado e em momento adequado para tal.

4.5 ANÁLISE DE DADOS

Os dados foram duplamente digitados e analisados por meio da estatística descritiva com frequências absoluta e relativa realizada no programa *EpiInfo*, versão 7.2.4.0.

As características do grupo das puérperas, a pontuação acerca dos itens para verificar seu conhecimento e o desconhecimento sobre amamentação foram comparadas utilizando o teste T-student com nível de significância estatística de 5% ($p < 0,05$) para testar eventuais diferenças de proporções, realizado no Software *Jamovi*, versão 2.4.13

4.6 ASPECTOS ÉTICOS E LEGAIS

O estudo tratou-se de uma pesquisa de campo envolvendo seres humanos, e conforme o previsto na resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) primeiramente o projeto foi cadastrado na Plataforma Brasil e em seguida encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) onde foi aprovado sob protocolo de número 6.269.540.

Foi solicitada a autorização da Secretaria Municipal de Saúde de Caxias por meio de ofício, para o desenvolvimento do projeto de pesquisa na Maternidade Carmosina Coutinho a fim de autorizar o início da coleta de dados.

As participantes confirmaram sua presença na pesquisa assinando um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) ou Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), assinado em duas vias, ficando uma com o participante e outra com o pesquisador. As informações obtidas para a pesquisa foram utilizadas somente para fins científicos.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa teve por objetivo avaliar conhecimento de puérperas internadas em uma Maternidade no interior do Maranhão, acerca do AM. Assim, foram analisadas as entrevistas provenientes da coleta de formulários com um total de 102 puérperas, com idades variando entre 15 e 45 anos e média de 25,9 anos.

Com base nos resultados deste estudo, foi possível observar que 56,86% (46) caracterizou-se por ser adulta jovem, estando na faixa etária de 20 a 30 anos. A idade materna não é um fator de risco para um conhecimento deficiente acerca da amamentação, porém como evidenciado na pesquisa de Aleixo *et al.* (2019), mulheres que engravidam após os 21 anos, geralmente, possuem maior maturidade psicológica e emocional para manejar a amamentação.

A tabela 1 apresenta as principais características das puérperas em relação a algumas informações sociodemográficas. De acordo com esses dados, 67,65% (69) mulheres se autodeclararam pardas. Assim como, 72,55% (74) vive, atualmente, com um companheiro, e destas, 54,05% (40) possui vínculo de casamento, nos termos da legislação civil.

Os achados deste estudo são divergentes com os encontrados por Ribeiro *et al.* (2022) no qual a maior parte das puérperas eram casadas. Segundo os autores, o estado civil não influencia diretamente sobre o conhecimento em aleitamento materno, porém mulheres que possuem apoio do companheiro tendem a prolongar o tempo de amamentação.

Tabela 1. Frequência das características sociodemográficas de puérperas em uma Maternidade no interior do Maranhão

Características sociodemográficas	N	%
Idade		
<20 anos	20	19,60
20 – 30 anos	58	56,86
>30 anos	24	23,52
Cor/raça		
Amarela	6	5,88
Branca	2	1,96
Indígena	1	0,98
Parda	69	67,65

Preta	24	23,53
Situação conjugal		
Não tem companheiro	16	15,69
Tem companheiro, mas não vive com ele	12	11,76
Vive com companheiro	74	72,55
Estado civil		
Casada	40	39,21
Solteira	62	60,78
Número de pessoas que moram na casa		
Moro sozinha com meu bebê	2	1,96
3 pessoas	23	22,55
4 pessoas	26	25,49
5 pessoas	20	19,61
Mais de 6 pessoas	15	14,71
Escolaridade		
Analfabeta	1	0,98
Fundamental incompleto	27	26,47
Fundamental completo	9	8,82
Ensino médio incompleto	14	13,73
Ensino médio completo	36	35,29
Superior incompleto	1	0,98
Superior completo	14	13,73
Possui trabalho remunerado		
Sim	25	24,51
Não	77	75,49
Renda familiar		
Nenhuma	1	0,98
Menos de 1 salário	41	40,20
Entre 1 e 2 salários	52	50,98
Entre 2 e 3 salários	8	7,84

Fonte: Elaborada pelos autores, 2024

Quanto ao nível de escolaridade, observou-se que 35,29% participantes (36) concluíram o ensino médio, 75,49% (77) declararam ser donas de casa e não possuir trabalho remunerado. A

respeito da naturalidade, 62,74% (64) foram provenientes da cidade onde se localiza a Maternidade em que foram atendidas e, 37,25% (38), procedentes de municípios vizinhos. O grupo familiar dessas mulheres é composto, em média, por 4,68 indivíduos, sendo a renda de 50,98%, entre 1 e 2 salários mínimos. Os resultados referentes ao perfil das participantes no que tange a idade, escolaridade, ocupação e renda são semelhantes a outras pesquisas nacionais e internacionais na mesma temática (Queiroz *et al.*, 2021).

Em relação às características obstétricas e história reprodutiva (Tabela 2), 38,24% (39) das mulheres declararam ser primigestas, enquanto, 61,76% (63) esteve grávida duas ou mais vezes. O intervalo entre o início da gestação atual e o parto do último filho entre as mulheres multíparas, variou de 6 meses a 20 anos. Quando interrogadas a respeito de algum filho que nasceu vivo e morreu antes de ter um mês de vida, 87,25% (89) negaram óbito neonatal.

Neste estudo, o número de multíparas foi predominante e a maioria não teve dificuldade para amamentar o último filho (Tabela 3). Para Schultz *et al.* (2020), ter experiência com amamentação pode interferir de maneira positiva ou negativa na segurança da mulher para amamentar seu próximo filho. Em uma pesquisa realizada em uma maternidade com selo de Hospital Amigo da Criança, a multiparidade é citada como fator associado ao conhecimento sobre amamentação, indicando maior prevalência da prática para decisão de amamentar exclusivamente (Queiroz *et al.*, 2021).

Todas as puérperas entrevistadas tiveram acompanhamento pré-natal durante a gestação, 85,29% (87) realizou em unidades públicas do Sistema Único de Saúde (SUS), e o restante (15), em unidades particulares e/ou convênio. O número de consultas de pré-natal foi entre 3 a 20, com média de 8,49 consultas. O Ministério da Saúde preconiza o total de, no mínimo, 6 consultas de acompanhamento pré-natal, sendo estas intercaladas entre o médico e o enfermeiro.

O tipo de parto mais relatado foi o normal, em 53,92% dos casos (55), porém o número de cesarianas foi bastante expressivo, com 46,08% dos partos (47). A OMS recomenda que apenas 15% dos partos sejam não naturais, porém o Brasil é o país com segundo maior número de cesáreas no mundo, o que se constitui como uma grave distorção na assistência à saúde, uma vez que esse tipo de procedimento aumento os riscos de morbimortalidade materna e perinatal (Lemos, 2023).

Tabela 2. Frequência das características obstétricas de puérperas em uma Maternidade no interior do Maranhão

Características obstétricas	N	%
Quantas vezes esteve grávida		
1 vez	39	38,24
2 vezes	27	26,47
3 vezes	13	12,75
4 vezes	7	6,86
5 vezes	7	6,86
Mais de 5 vezes	9	8,82
Número de filhos (<i>incluindo o atual</i>)		
1 filho	43	42,16
2 filhos	28	27,45
3 filhos	14	13,75
4 filhos	7	6,86
Mais de 4 filhos	10	9,80
Número de partos		
Primíparas	40	39,21
Múltiparas	62	60,78
Intervalo de gestação		
Menos de 1 ano	3	5,00
Entre 1 e 2 anos	13	21,66
Entre 2 e 3 anos	11	18,33
Entre 3 e 4 anos	5	
Mais de 4 anos	28	
Pré-natal		
Rede pública	87	85,29
Rede particular	6	5,88
Convênio	9	9,82
Número de consultas no pré-natal		
Menos de 6 consultas	16	15,68
6 consultas	14	13,72
Entre 7 e 12 consultas	63	61,76
Mais de 12 consultas	9	8,82
Tipo de gestação		
Pré termo	13	12,74

A termo	89	87,25
Tipo de parto		
Normal	55	53,92
Cesariana	47	46,08

Fonte: Elaborada pelos autores, 2024

Na tabela 3 estão descritas as respostas das integrantes do presente estudo, no que tange às características relacionadas ao AM. Sobre as principais fontes de informação das quais elas adquiriram conhecimento sobre amamentação, diferentemente do estudo feito por Magdariana *et al.* (2023), as mulheres elencaram os familiares e amigos, seguidos por profissionais de saúde e meios de comunicação, respectivamente. Em sua maioria, 76,40% (68), sente apoio do companheiro e, 77,45% (79) da família, para amamentar.

Quanto questionadas sobre terem recebido orientações sobre amamentação no pré-natal, 67,32% (69) responderam sim. Deste percentual, 62,32% (43) foram informações dadas por Enfermeiros, 27,54% (19) por médicos e, 6,86% (7) por agentes de saúde, nutricionistas ou outros profissionais. 45,10% (46) acordou que as orientações recebidas foram suficientes e, 53,92% (55) declarou receber apoio para poder amamentar seu filho (a) de forma eficaz.

Frente ao exposto, pode-se notar que as mães receberam orientações pelo profissional de enfermagem, na maioria dos casos, corroborando com o estudo de Dal Santo *et al.* (2019) que sugere isso ocorre porque o enfermeiro é o profissional mais próximo da mulher durante o pré-natal, desempenhando importantes funções na educação, promoção e prevenção de saúde nesse aspecto.

Embora os profissionais de saúde tenham papel importante no repasse de orientações no pré-natal, nesse e em outros estudos a família ainda desempenha um papel principal para influenciar as práticas de amamentação. Por conseguinte, é primordial o respeito às vivências de cada nutriz e a promoção da participação da família durante o acompanhamento pré-natal, parto e pós parto (Lôbo *et al.*, 2020).

Quando o questionamento se referiu às informações/orientações serem recebidas no hospital/maternidade em que estavam internadas, 70,59% (72) das mães responderam que foram orientadas. Diante desses resultados e dos encontrados por Zago e Maciel (2020), o conhecimento não alcança todas as mulheres, evidenciando a necessidade dos órgãos governamentais e de assistência em saúde reverem suas estratégias para intensificar as ações de apoio ao AM.

Neste contexto, apesar de a maioria das puérperas ter sido orientada no pré-natal e na maternidade, 12,74% (13) das mulheres não receberam nenhuma informação sobre aleitamento de profissionais de saúde durante a gravidez, expondo uma deficiência na Atenção Primária à Saúde e na terciária, semelhantemente à uma pesquisa realizada em Minas Gerais (Aleixo *et al.*, 2019).

Tabela 3. Frequência das características relacionadas ao Aleitamento Materno de puérperas em uma Maternidade no interior do Maranhão

Características relacionadas ao AM	N	%
Tem conhecimento sobre amamentação		
Sim	76	74,51
Não	26	25,49
Principal forma de obtenção desse conhecimento		
Por familiares e amigos	35	46,15
Por profissionais de saúde	32	42,11
Por meios de comunicação	9	11,84
Já amamentou antes		
Sim	56	54,90
Não	46	45,10
Todos os seus filhos foram amamentados		
Sim	51	90,91
Não	5	9,09
Amamentou o último filho		
Sim	54	96,43
Não	2	3,57
Tempo de amamentação do último filho		
Menos de 6 meses	6	11,11
Até 6 meses	4	7,41
Entre 6 meses e 2 anos	32	59,26
Por mais de 2 anos	12	22,22
Teve dificuldade para amamentar o último filho		
Sim	10	18,52
Não	44	81,48
Tempo de AMEX do último filho		

Por menos de 3 meses	16	29,63
Entre 3 a 6 meses	13	24,07
Até 6 meses	17	31,48
De 7 a 12 meses	8	14,81
Seu bebê (atual) mamou na sala de parto		
Sim	51	50%
Não	51	50%
Está amamentando este bebê (atual)		
Sim	93	91,18
Não	9	8,82
Pretende amamentar/seguir amamentando este bebê		
Sim	101	99,02
Não	1	0,98
Quando amamentou este bebê pela primeira vez		
Não amamentei	8	5,90
Durante a 1ª hora de vida	60	58,82
Depois da 1ª até a 6ª hora de vida	16	16,66
Depois da 6ª hora de vida	18	18,62
O que sentiu a primeira vez que amamentou, correspondeu suas expectativas		
Sim, foi mais agradável do que eu pensava	73	77,66
Não, foi menos agradável do que eu pensava	21	22,34
Tem alguma dúvida sobre amamentação		
Sim	6	5,88
Não	96	94,12

Fonte: Elaborada pelos autores, 2024

No que se refere às informações referentes ao parto, nascimento e aleitamento, observa-se que metade das mães amamentaram seus filhos na sala de parto, sendo que 58,82% (60) ofereceu o leite materno da primeira hora de vida, 91,19% (93) das mães estavam amamentando seu bebê e, 99,02% (101) pretendia seguir amamentando.

A prevalência da amamentação na primeira hora de vida foi semelhante à de outro estudo nacional realizado no Nordeste do Brasil, no qual a prevalência foi de 45,5%. Tanto no estudo citado como nesta presente pesquisa, os dados evidenciam a necessidade de melhorar a

implementação da prática nos hospitais, sendo um desafio não só para o Nordeste, mas para todo o território brasileiro (Jesus *et al.*, 2020).

A amamentação iniciada na primeira hora de vida é o momento mais adequado para a primeira mamada do bebê, quanto mais cedo, melhor, pois a amamentação protege a criança de infecções e pode salvar vidas (OPAS, 2018). Um dos motivos para que isso não ocorra é o foco dos profissionais no cumprimento de tarefas ao invés da preocupação para oferecer um atendimento que considere a individualidade e as necessidades do binômio mãe-bebê (Antunes *et al.*, 2017).

Tabela 4. Frequência de erros e acertos das questões relacionadas ao Aleitamento Materno

Questões relacionadas ao AM	Falso %	Verdadeiro %	Não sei %	Respostas corretas (n)
Item 1: Deve-se dar ao bebê somente leite materno até seis meses de idade sem oferecer água, chás ou qualquer outro alimento.	15,69%	80,39%	3,92%	82
Item 2: A amamentação não deve ser sob livre demanda, ou seja, o bebê não deve mamar na frequência e duração que ele quiser.	57,84%	24,51%	17,65%	59
Item 3: O colostro é o primeiro leite materno que possui aspecto mais grosso, coloração amarelada e é rico em anticorpos.	4,90%	77,45%	17,65%	79
Item 4: O aleitamento materno não reduz o risco a doenças, tais como diarreia, infecções respiratórias, infecções intestinais.	36,27%	50%	13,73%	51
Item 5: A amamentação reduz a chance de obesidade.	24,51%	51,96%	23,53%	53
Item 6: O aleitamento materno ajuda no desenvolvimento intelectual da criança.	0%	93,14%	6,86%	95
Item 7: A amamentação ajuda a mãe a ter uma perda mais demorada do peso acumulado na gestação.	53,92%	32,35%	13,73%	55
Item 8: A amamentação contribui para aumento do risco de câncer de mama e ovário.	55,88%	22,55%	21,57%	57

Item 9: A amamentação proporciona maior interação da mãe com seu bebê.	0%	96,08%	3,92%	98
Item 10: A pega correta consiste no bebê abocanhar apenas o mamilo, sendo visível toda areola do seio materno.	30,39%	54,90%	14,71%	31
Item 11: Para uma correta pega do bebê ao seio da mãe o corpo do bebê deve ficar totalmente voltado para o corpo da mãe (posição de barriga com barriga).	3,92%	92,16%	3,92%	94
Item 12: Se na hora da mamada o queixo do bebê estiver tocando o seio e o lábio inferior estiver virado para fora deve-se reposicionar o bebê, pois ele não está com uma pega correta da mama.	20,59%	59,80%	19,61%	21
Item 13: Em caso de rachadura no seio a mãe deve utilizar produtos como sabão, álcool e qualquer produto secante para acelerar a cicatrização da pele.	59,80%	24,51%	15,69%	61
Item 14: Para casos de fissuras no seio recomenda-se o uso do próprio leite materno para proteger e hidratar o seio.	6,86%	74,51%	18,63%	76
Item 15: Deve-se evitar o uso de protetores de mamilo, pois eles além de não serem eficazes podem causar trauma//lesão à mama.	22,55%	42,12%	35,29%	43

Fonte: Elaborada pelos autores, 2024

As questões com mais divergências entre verdadeiro e falso ou que as mulheres relataram não saber a resposta correta foram 4, 5, 7, 8, 10, 12 e 15, como observa-se na Tabela 4. Aquelas que foram frequentemente respondidas de modo correto (mais de 80%) foram 1, 6, 9 e 11. Quanto ao conhecimento sobre AM, o número de acertos variou de 26,67% (4) a 100% (15) e a média foi de 9,39, mediana 9, desvio padrão 2,64.

Considerando de 60 a 80% de acerto, conhecimento intermediário sobre amamentação; menos de 60%, pouco conhecimento e; mais de 80%, conhecimento adequado, 46,08% (47) puérperas demonstraram conhecimento intermediário ao responder os itens dessa pesquisa relacionados à amamentação.

A respeito das afirmativas realizadas para verificar o conhecimento das puérperas sobre amamentação, o item com maior número de acertos foi o 9 (I9): “A amamentação proporciona maior interação da mãe com seu bebê”. Em contraste, com maior número de erros (59,80%) ou respostas “não sei” (19,61%) destaca-se o item 12 (I12) contendo a afirmativa: “Se na hora da mamada o queixo do bebê estiver tocando o seio e lábio inferior do bebê estiver para fora, deve-se reposicionar o bebê, pois ele não está com uma pega correta na mama”.

O maior percentual de erros ou respostas “não sei” em relação à técnica e posicionamento para amamentar é um fator que merece atenção, pois segundo o MS: “o sucesso do aleitamento materno está relacionado ao adequado conhecimento quanto à posição da mãe e do bebê e à pega da região mamilo areolar” (Brasil, 2012).

Assim, como no estudo realizado por Pizzato *et al.* (2020) em São Luís, Maranhão, as afirmativas sobre aleitamento materno com relação aos benefícios para o bebê apresentaram maiores percentuais de acertos. Assim como, as afirmativas relacionadas às vantagens para a mãe não foram as que tiveram mais acertos. Esses dados, podem indicar uma maior ênfase dos benefícios para os bebês enquanto aqueles relacionados às mulheres são pouco abordados, o que pode contribuir na adesão à amamentação.

A Tabela 5 apresenta a análise da correlação das variáveis idade, nível de escolaridade, renda familiar e orientações recebidas no pré-natal e no hospital com o escore de acertos nos itens sobre amamentação, contendo suas respectivas médias e desvios padrão. Não há diferença significativa entre os escores, com exceção do nível de escolaridade quando relacionado ao conhecimento materno em amamentação, que apresentou *p-valor* de 0,013.

Tabela 5. Variáveis idade, nível de escolaridade, renda familiar, orientações no pré-natal e orientações no hospital correlacionadas ao conhecimento materno sobre amamentação (n=102)

Variáveis	Média	Desvio Padrão	p-valor
Idade			

<20 anos	8,35	2,41	
20 – 30 anos	9,25	2,58	
>30 anos	10,58	2,60	
			0,478
Escolaridade			
Analfabeta	4	0	
Fundamental incompleto	8,59	2,09	
Fundamental completo	8	2,13	
Ensino médio incompleto	8,50	2,21	
Ensino médio completo	9,72	2,58	
Superior incompleto	12	0	
Superior completo	12	2,54	
			0,013
Renda familiar			
Nenhuma	5	0	
Menos de 1 salário	8,61	2,59	
Entre 1 e 2 salários	9,75	2,40	
Entre 2 e 3 salários	11,62	2,61	
			0,586
Possui algum conhecimento sobre amamentação (autoavaliação)			
Sim	9,65	2,58	
Não	8,61	2,69	
			0,216
Recebeu orientações sobre amamentação no pré-natal			
Sim	9,15	2,39	
Não	9,97	3,11	
			0,445
Recebeu orientações sobre amamentação na maternidade			
Sim	9,52	2,58	
Não	9,06	2,77	
			0,172

Fonte: Elaborada pelos autores, 2024

A relação da variável escolaridade à média do escore no teste de conhecimento sobre amamentação, aponta uma associação estatística significativa. Em outras palavras, as puérperas que possuem maior escolaridade são as que, na realização do teste de perguntas, apresentaram maior conhecimento sobre amamentação.

Estudo realizado com 78 puérperas em Unidades Básicas de Saúde apontou resultado semelhante quando entrevistadas com menor formação escolar apresentaram-se como mais vulneráveis para o conhecimento em amamentação (Alves; Mota; Pagliari, 2021). Em uma outra pesquisa, realizada na Espanha, as mulheres com mais conhecimento sobre aleitamento apresentam uma melhor disposição para amamentação e prevalência após o parto (Suárez-Cotelo *et al.*, 2019).

Esse fato sublima a importância da educação já que esta possui forte influência nas condições referentes ao aleitamento. Isso, justifica-se por mulheres com mais escolaridade terem maior acesso à informação e entenderem a importância da prática. Por isso também, elas são menos suscetíveis à influência cultural que tende a introduzir de forma precoce outros alimentos na dieta infantil (Rocha *et al.*, 2018).

Este estudo não apresentou associação entre idade, renda familiar, autoavaliação e orientações recebidas no pré-natal e hospital sobre amamentação. Cabe citar aqui que o pouco poder estatístico deste trabalho se justifica pelo tamanho da amostra.

6 CONCLUSÃO

O presente estudo evidenciou a importância do conhecimento das mães sobre o aleitamento materno para sua prática e prevalência e as possíveis consequências que um bom ou inadequado conhecimento das mães a respeito do assunto podem resultar.

Constata-se que apesar de a maioria das puérperas receberem orientações no pré natal e/ou maternidade, apresentaram um conhecimento intermediário. Demonstrando que ainda existem lacunas a serem preenchidas pelos profissionais dos dois níveis de atenção em saúde. Em conjunto, esses profissionais podem tornar-se verdadeiros amigos da causa e garantir que o binômio mãe-bebê possua mais saúde e qualidade de vida.

Este estudo também destaca a relevância da enfermagem como um todo e do papel do Enfermeiro como educador em saúde. Assim como, salienta a importância de se identificar as necessidades das mulheres gestantes e puérperas e atendê-las de forma holística, sanando suas dúvidas e preparando-as para as dificuldades que podem enfrentar em algumas fases do aleitamento. Salienta-se, também, a influente e significativa função da família no AM contribuindo para o sucesso da prática.

Apesar de existirem leis, projetos e programas a favor da amamentação, ainda é necessário investir continuamente na temática. O aleitamento é saúde. O aleitamento é vida.

REFERÊNCIAS

ALEIXO, Thuane Cristina Souza e; *et al.* Conhecimento e análise do processo de orientação de puérperas acerca da amamentação. **Revista de Enfermagem UFSM**, v. 9, n. 59, 2019.

Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/36423>. Acesso em: 23 de nov. 2022.

ALVES, Flávia Marinho; *et al.* Conhecimento de puérperas internadas em um alojamento conjunto acerca do aleitamento materno. **Revista Sustinere**, v. 5, n. 1, p. 24-37, 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/sustinere/article/view/27321/21149>. Acesso em: 25 nov. 2022.

ALVES, Jessica de Souza; *et al.* Orientações sobre amamentação na atenção básica de saúde e associação com o aleitamento materno exclusivo. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 23, n. 4, p. 1077-1088, 2018. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/csc/a/3FSQTRcvwrTWCzsvd6FXbHk/?format=pdf&lang=pt#:~:text=A%20Organiza%C3%A7%C3%A3o%20Mundial%20da%20Sa%C3%BAde,1%2C4%20meses%20em%2020065>. Acesso em 22 de nov. 2022.

ALVES, Viviane Garcia da Silva; MOTA, Maria Carliana; PAGLIARI, Carla. Sociodemographic characteristics related to knowing the benefits of breastfeeding. **Revista Paulista de Pediatria** [online], v. 39, e2020101, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-0462/2021/39/2020101>. Acesso em: 05 fev. 2024.

AMARAL, Dayana da Silva; *et al.* Conhecimento das gestantes residentes em comunidades rurais sobre o aleitamento materno. **Enfermagem em Foco**, v. 12, n. 6, p. 1125-1131, 2021. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/4774>. Acesso em: 16 de nov. 2022.

ANTUNES, Marcos Benatti; *et al.* Amamentação na primeira hora de vida: conhecimento e prática da equipe multiprofissional. **Av Enferm**, v. 35, n. 1, p. 19-29, 2017. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0121-45002017000100003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 11 fev. 2024.

BARBOSA, Douglas Ferreira; REIS, Rosane Pereira dos. O enfermeiro no incentivo ao aleitamento materno. **Revista Eletrônica Estácio Recife**, v. 6, n. 1, 2020. Disponível em: <https://reer.emnuvens.com.br/reer/article/view/432>. Acesso em: 23 de nov. 2023.

BARROS, Karina Rodrigues de Sousa; *et al.* Perfil epidemiológico e conhecimento de gestantes sobre aleitamento materno em um município do nordeste brasileiro. **Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR**, v. 25, n. 1, p. 11-17, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.unipar.br/index.php/saude/article/view/7558/4067>. Acesso em: 17 nov. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Saúde da criança: aleitamento materno e alimentação complementar / Ministério da Saúde.

Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Brasília: **Ministério da Saúde**, 2015. 184 p.: il. – Cadernos de Atenção Básica, n. 23. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_crianca_aleitamento_materno_cab23.pdf. Acesso em: 11 de dez. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Atenção ao pré-natal de baixo risco / Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Brasília: **Editora do Ministério da Saúde**, 2012. 318 p.: il. – Cadernos de Atenção Básica, n 32. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cadernos_atencao_basica_32_prenatal.pdf. Acesso em 15 de fev. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção Primária à Saúde. Departamento de Promoção da Saúde. **Guia alimentar para crianças brasileiras menores de 2 anos** / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção Primária à Saúde, Departamento de Promoção da Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2019. Disponível em: http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/publicacoes/guia_da_crianca_2019.pdf. Acesso em: 11 de dez. 2022.

CARVALHO, Layse Mayra Nunes, PASSOS, Sandra Godoi de. Os benefícios do aleitamento materno para a saúde da criança: revisão integrativa. **Revista Coleta Científica**, v. 5, n. 9, p. 70–87. Disponível em: <http://portalcoleta.com.br/index.php/rcc/article/view/57>. Acesso em: 11 de dez. 2022.

CHOWDHURY, Ranadip, *et al.* Breastfeeding and maternal health outcomes: a systematic review and metaanalysis. **Acta Paediatr**, v. 104, n. 467, p. 96-113, 2015. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/26172878/>. Acesso em: 08 de dez. 2022.

CIAMPO, Luiz Antônio Del; CIAMPO, Ieda Regina Del. Aleitamento materno e seus benefícios para a saúde da mulher. **Revista Femina**, v. 47, n. 8, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbgo/a/5MnxQ6xkQfsJfwhNZ5JccTf/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 12 de dez. 2022.

COELHO, Adriana Serrão; MENEZES, Rakelen Ribeiro de; LOBO, Maria Raika Guimarães. A importância da amamentação na formação de vínculos afetivos saudáveis entre mãe/bebê. **Boletim Informativo Unimotrisaúde em Sociogerontologia**, v. 12, n. 5, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/BIUS/article/view/6191>. Acesso em: 23 de nov. 2023.

DAL SANTO, Fíama Aparecida; *et al.* Conhecimento de mães sobre formas de aleitamento e hábitos deletérios. **Distúrbios da Comunicação**, v. 31, n. 4, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/43198>. Acesso em: 04 fev. 2024.

DIAS, Ernandes Gonçalves; *et al.* Estratégias de promoção do aleitamento materno e fatores associados ao desmame precoce. **Journal Health NPEPS**, v. 1, n. 7, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/jhnpeps/article/view/6109/4640>. Acesso em: 22 de nov. 2023.

DOMINGUEZ, Carmen Carballo; *et al.* Dificuldades no estabelecimento da amamentação: visão das enfermeiras atuantes nas unidades básicas de saúde. **Rev Enferm UERJ**, Rio de Janeiro, v. 25, e:14448, 2017. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-947469>. Acesso em: 11 de dez. 2022.

FERREIRA, M.G.C.; GOMES, M.F.P.; FRACOLLI, L.A. Aleitamento materno: orientações recebidas por gestantes acompanhadas pela estratégia saúde da família. **Rev Aten Saúde**, v. 16, n. 55, p. 36-41, 2018. Disponível em: https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_ciencias_saude/article/view/4888/pdf. Acesso em: 23 de nov. 2022.

FONSECA, João José Saraiva da. Metodologia da pesquisa científica. **Fortaleza: UEC**, 2002. Apostila. Disponível em: https://blogdageografia.com/wp-content/uploads/2021/01/apostila_-_metodologia_da_pesquisa1.pdf. Acesso em: 10 de set. 2022.

GONÇALVES, Caroline de Castro. Conhecimento sobre aleitamento materno entre puérperas em um hospital do extremo sul do Rio Grande do Sul. 2016. 65 p. Dissertação (Mestrado em Saúde da Mulher, Criança e Adolescente) – **Universidade Católica de Pelotas**, 2016. Disponível em: <https://pos.ucpel.edu.br/mpsmca/wp-content/uploads/sites/2/2018/03/Disserta%C3%A7%C3%A3o-Caroline-de-Castro.pdf>. Acesso em 04 set. 2023.

GUYTON, A. C.; HALL, J. E. Tratado de Fisiologia Médica. 12 ed. Rio de Janeiro: **Elsevier**, 2017. Disponível em: <https://cssjd.org.br/imagens/editor/files/2019/Abril/Tratado%20de%20Fisiologia%20M%C3%A9dica.pdf>. Acesso em: 09 de dez. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Cidades e Estados. Rio de Janeiro: **IBGE**, 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ma/caxias.html>. 11 dez. 2022.

JESUS, Alyne Santana de; *et al.* Amamentação na primeira hora de vida entre mulheres do nordeste brasileiro: prevalência e fatores associados. **Rev Eletr Enferm**, v. 22, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fen/article/view/58772>. Acesso em: 06 fev. 2024.

KUBOYAMA, Juliana. **Amamentação e Odontopediatria: por que o aleitamento materno é benéfico ao desenvolvimento dos bebês?** In: Portal Ped. 11 de janeiro de 2019. Disponível em: <https://www.portalped.com.br/outras-especialidades/odontopediatria/amamentacao-e-odontopediatria-por-que-o-aleitamento-materno-e-benefico-ao-desenvolvimento-dos-bebes/>. Acesso em: 11 de ago. 2022.

LEMOS, Simone. Brasil tem o segundo maior número de cesáreas no mundo, apesar dos riscos. *In: Universidade de São Paulo. Jornal da USP*. São Paulo, 28 ago. 2023. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atuais/brasil-tem-o-segundo-maior-numero-de-cesareas-no-mundo-apesar-dos-riscos/#:~:text=tem%20uma%20indica%C3%A7%C3%A3o,-,Cerca%20de%20tr%C3%AAs%20milh%C3%B5es%20de%20partos%20acontecem%20anualmente%20no%20Brasil,sem%20uma%20verdadeira%20indica%C3%A7%C3%A3o%20cir%C3%B3gica>. Acesso em: 16 fev. 2024.

LIMA, Ariana Passos Cavalcante; NASCIMENTO, Davi da Silva; MARTINS, Maísa Mônica Flores. A prática do aleitamento materno e os fatores que levam ao desmame precoce uma revisão integrativa. **J.Health Bio Sci**, v. 6, n. 2, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unichristus.edu.br/jhbs/article/view/1633>. Acesso em: 28 de set. 2022.

LÔBO, Clariane Ramos; *et al.* Knowledge of pregnant women about exclusive breastfeeding. **Revista de Enfermagem da UFPI**, v. 9, e9294, 2020. Disponível em: <https://ojs.ufpi.br/index.php/reufpi/article/view/9294/pdf>. Acesso em: 05 fev. 2024.

MASCARENHAS, Fernanda Fernandes; *et al.* As contribuições do enfermeiro para o sucesso do aleitamento materno na primeira hora de vida. 2020. 20 f. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Graduação em Enfermagem) - Centro Universitário UNA, Belo Horizonte. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/22895/1/AS%20CONTRIBUI%C3%87%C3%95ES%20DO%20ENFERMEIRO%20PARA%20O%20SUCESSO%20DO%20ALEITAMENTO%20MATERNO%20NA%20PRIMEIRA%20HORA%20DE%20VIDA.pdf>. Acesso em: 29 de set. 2022.

MAGDARIANA, Alfredo Hernandez; *et al.* Knowledge level of parents on exclusive breast feeding. **MEDISAN**, Santiago de Cuba, v. 27, n. 2, e4336, 2023. Disponível em: http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1029-30192023000200001&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 02 fev. 2024.

MENEZES, Izabella Vasconcelos de; *et al.* Importância do profissional de saúde no incentivo ao aleitamento em hospital amigo da criança. **Interfaces Científica**, Aracaju, v. 8, n. 2, p. 245-255, 2020. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/saude/article/view/8083>. Acesso em 23 de nov. 2022.

MINOSSO, Kamila Caroline; *et al.* Validação para o português da escala de conhecimento acerca do aleitamento materno. **Acta Paul Enferm.**, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/ZLfYhsbHwkm93JGcQLxB6xf/?lang=pt>. Acesso em: 28 de set. 2022.

NASCIMENTO, Ana Maria Resende; *et al.* Atuação do enfermeiro da estratégia saúde da família no incentivo ao aleitamento materno durante o período pré-natal. **Rev Eletron Acervo Saude**, v. 21, e667, 2019. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/667/344>. Acesso em 23 de nov. 2022.

NASCIMENTO, Susane Silva do. Enfermeiro da estratégia de saúde da família no incentivo ao aleitamento materno. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, v. 9, p. 130-140, 2021. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/saude/incentivo-ao-aleitamento>. Acesso em: 01 de dez. 2022.

OLIVEIRA, Lucilene Fatima. Conhecimento de puérperas sobre os benefícios da amamentação em ambiente hospitalar. **Cadernos da Escola Saúde**, v. 18, n. 1, p. 1-22, 2019. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.unibrasil.com.br/index.php/cadernossaude/article/view/3784#:~:text=R>

esultados%3A%20Em%20rela%C3%A7%C3%A3o%20ao%20conhecimento,crian%C3%A7a%20e%20para%20a%20mulher. Acesso em: 07 fev. 2024

OLIVEIRA, Meirilly Damasceno; FELISBERTO, Shayane Bezerra de Jesus; FERREIRA, Luzia Sousa. Incentivo ao aleitamento materno na idade recomendada pelos profissionais que atuam durante o processo de orientação materno-infantil para evitar o desmame precoce. **Rev Bras Pesquisa Cien Saúde**, v. 6, n. 12, 2019. Disponível em: <http://revistas.icesp.br/index.php/RBPeCS/article/view/882>. Acesso em: 23 de nov. 2022.

OPAS – Organização Pan-Americana da Saúde. Brasília: OPAS, c2018. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/1-8-2018-aleitamento-materno-nos-primeiros-anos-vida-salvaria-mais-820-mil-criancas#:~:text=Quando%20iniciada%20na%20primeira%20hora,n%C3%A3o%20s%C3%A3o%20amamentados%20em%20absoluto>. Acesso em: 07 fev. 2024.

PEREIRA, Stéphanie da Silva; *et al.* A educação em saúde para a promoção do aleitamento materno no alojamento conjunto: revisão integrativa. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 12, 2021. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwjK6fTgwfT7AhUMvJUCHXI9C_EQFnoECA4QAQ&url=https%3A%2F%2Frsdjournal.org%2Findex.php%2Frsd%2Farticle%2Fdownload%2F19366%2F18089%2F246608&usg=AOvVaw3X-fWYG6EgMHqqp5quqf_J. Acesso em: 12 dez. 2022.

PERES, Janaine Fragnan; *et al.* Percepções dos profissionais de saúde acerca dos fatores biopsicossocioculturais relacionados com o aleitamento materno. **Saúde Debate**, v. 45, n. 128, p. 141-151, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/vBfBHM4sP9F6q4sYysRCnLg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 nov. 2022.

PIZZATO, Paula; *et al.* Conhecimento materno sobre alimentação infantil em São Luís, Maranhão, Brasil. **Rev Bras Saúde Matern Infant**, v. 20, n. 1, p. 181-191, 2020. Disponível em: https://ppgsp.furg.br/images/Maternal_knowledge_on_infant_feeding_in_Sao_Luis_M_1.pdf. Acesso em: 11 de dez. 2022.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ervani Cesar de. Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Novo Hamburgo: **Feevale**, 2013. 276 p. Disponível em: <https://www.feevale.br/institucional/editora-feevale/metodologia-do-trabalho-cientifico---2-edicao>. Acesso em 11 de dez 2022.

QUEIROZ, Viviane Cordeiro de; *et al.* Conhecimentos, atitudes e práticas sobre aleitamento materno entre puérperas em alojamento conjunto. **Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro**, n. 11, e4162, 2021. Disponível em: <http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/recom/article/view/4162>. Acesso em 16 de nov. 2022.

RIBEIRÃO PRETO. Secretaria Municipal da Saúde. Programa Aleitamento Materno; NÚCLEO DE ALEITAMENTO MATERNO DA EERP-USP. Manual de procedimentos: prevenção e

tratamento das intercorrências mamárias na amamentação. Ribeirão Preto: **SMS: NALMA**, 1998. 45 p. Disponível em: <https://www.saudedireta.com.br/docsupload/1340370690apostila.pdf>. Acesso em: 09 dez. 2022.

RIBEIRO, Antonia Karoline Farias dos Santos; *et al.* Aleitamento materno exclusivo: conhecimento de puérperas na atenção básica. **Rev Enferm Atual In Derme**, v. 96, n. 38, 2022. Disponível em: <https://revistaenfermagematual.com/index.php/revista/article/view/1359/1361>. Acesso em: 02 de fev. 2024.

ROCHA, Flávia Nataly Pereira da Silva; *et al.* Caracterização do conhecimento das puérperas acerca do aleitamento materno. **Revista Enf UFPE Online**, n. 12, v. 9, p. 2386-2392, 2018. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-995774>. Acesso em: 25 de out. 2022.

ROLIM, Lucia Mendes de Oliveira; MARTINS, Ana Lúcia. Aleitamento materno. **Revista de Pediatria SOPERJ**, v. 3, n. 1, 2002. Disponível em: http://revistadepediatriasoperj.org.br/detalhe_artigo.asp?id=1. Acesso em: 11 de dez. 2022.

SANTOS, Eryka Maria dos; *et al.* Avaliação do aleitamento materno em crianças até dois anos assistidas na atenção básica do Recife, Pernambuco, Brasil. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 24, n. 3, p. 1211-1222, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/CgDTSrHddp4vG4z3xhRT6FJ/?lang=pt>. Acesso em: 22 de nov. 2022.

SANTOS, Késsya Crislayne Ferreira; *et al.* Conhecimento de puérperas sobre amamentação e fonoaudiologia em uma maternidade pública do nordeste brasileiro. **Distúrb Com**, v. 32, n. 3, p. 490-499, 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/48454>. Acesso em: 23 de nov. 2022.

SANTOS, Priscila Veras; *et al.* Desmame precoce em crianças atendidas na Estratégia Saúde da Família. **Rev Eletr Enf**, v. 20, n. 5, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fen/article/view/43690/25422>. Acesso em: 11 de dez 2022.

SCHULTZ, Sandra Maria; *et al.* Influencia da educação em saúde na autoeficácia em amamentar: estudo quase experimental. **Rev Baian Enferm**, v. 34, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/35995>. Acesso em: 16 fev. 2024.

SERVA, Vilneide Maria dos Santos Braga Diéguas; VALENTE, Emanuelle Pessa. Técnicas para a promoção, proteção e apoio ao aleitamento materno. In: Amamentação. São Paulo: **Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia (FEBRASGO)**; 2018. Cap.2, p.9-18. (Série Orientações e Recomendações FEBRASGO, no. 6/Comissão Nacional Especializada em Aleitamento Materno). Disponível em: <https://pt.slideshare.net/Marcusrenato/febrasgo-lana-nova-edio-do-manual-de-amamentao-2018>. Acesso em: 09 de dez. 2022.

SILVA, Jaciara Ribeiro; SOUSA, Ingredi Vitoria; PASSOS, Sandra Godoi de. Benefícios do aleitamento materno para a criança. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, v. 5, n. 10, p. 224-

235, 2022. Disponível em: <http://revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/359>. Acesso em: 28 de set. 2022.

SILVA, Joice de Fátima Laureano Martins da; *et al.* Aleitamento materno: aspectos gerais da importância à contra-indicação em tempos de pandemia (Covid-19). **Revista Científica FAGOC**, v. 5, n. 1, 2020. Disponível em: <https://revista.fagoc.br/index.php/saude/article/view/681>. Acesso em: 28 de set. 2022.

SILVA, Priscila Olin; *et al.* Percepções e práticas intergeracionais de mulheres quilombolas sobre aleitamento materno e alimentação infantil, Goiás, Brasil. **Caderno de Saúde Pública**, v. 37, n. 10, p. 1-14, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/rRNY55s6Hy6z6qLKm58hcQS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 de nov. 2023.

SILVA, Vander Guimarães. O ensino de aleitamento materno na graduação de medicina: um estudo de caso. **Dissertação de Mestrado** (Saúde da Mulher), Rio de Janeiro, 1998, Fundação Oswaldo Cruz, Instituto Fernandes Figueira, 137 p. Disponível em: <https://bvssp.icict.fiocruz.br/pdf/SilvaVanderGuimaraes.pdf>. Acesso em: 09 de dez. 2022.

SOUZA, Sarah Ferreira; *et al.* Perfil demográfico e levantamento dos conhecimentos sobre aleitamento materno de puérperas atendidas em uma maternidade pública da região metropolitana de Belo Horizonte: resultado de um projeto de extensão. **Rev Interd Extensão**, v. 1, n. 1, 2017. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/conecte-se/article/view/16195/14350>. Acesso em: 23 de nov. 2022.

SUÁREZ-COTELO, María del Carmen.; *et al.* Breastfeeding knowledge and relation to prevalence. **Rev Esc Enferm USP**, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/8Q8rhSvyqDGwXyB4CWvZdHC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 de dez. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Aleitamento materno: Prevalência e práticas de aleitamento materno em crianças brasileiras menores de 2 anos. **ENANI 2019** - Documento eletrônico. - Rio de Janeiro, RJ: UFRJ, 2021. (108 p.). Coordenador geral, Gilberto Kac. Disponível em: <https://enani.nutricao.ufrj.br/index.php/relatorios/>. Acesso em: 17 de dez. 2022.

VICTORA, Cesar G.; *et al.* Amamentação no século 21: epidemiologia, mecanismos e efeitos ao longo da vida. **Epidemiol Serv Saúde**, Brasília, 2016. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5700314/mod_resource/content/1/Amamentacao1.pdf. Acesso em: 08 de dez. 2023.

VIEIRA, Isabele Moreira França; CONCEIÇÃO, Sueli Ismael Oliveira da. Conhecimento materno e de responsáveis por crianças sobre amamentação e alimentação complementar. **Revista Brasileira Pesq Saúde**, v. 22, n. 1, p. 79-88, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/rbps/article/view/27483/22402>. Acesso em: 22 de nov. 2022.

VIEIRA, Lucas Gabriel; MARTINS, Géssica Faria. Fisiologia da mama e papel dos hormônios na lactação. **Revista Brasileira de Ciências da Vida**, v. 6, n. 1, 2018. Disponível em: <http://jornalold.faculdadecienciasdavid.com.br/index.php/RBCV/article/view/762>. Acesso em: 11 de dez. 2022.

WOODWARD, Lianne J.; LIBERTY, Kathleen A. O aleitamento materno e o desenvolvimento psicossocial da criança. **Enciclopédia sobre o Desenvolvimento na Primeira Infância** [online]. Disponível em: <https://www.encyclopedia-crianca.com/aleitamento-materno/segundo-especialistas/o-aleitamento-materno-e-o-desenvolvimento-psicossocial-da>. Acesso em: 22 de nov. 2022.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Indicators for assessing infant and young child feeding practices. **Conclusions of consensus meeting held 6-8 November 2007**. Washington, 2007a. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789240018389>. Acesso em: 11 de dez. 2022.

ZAGO, Morgana Gris; MACIEL, Caroline Lima Zanatta. Knowledge about breast-feeding nursery in a private hospital of Cascavel-PR. **Journal of Health**, p. 364-369, 2020. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwjHiffHtq6EAxXQrZUCHTEfAScQFnoECBAQAQ&url=https%3A%2F%2Ffjh.fag.edu.br%2Findex.php%2Ffjh%2Farticle%2Fdownload%2F226%2F193&usg=AOvVaw3IoecHIYaRftFReZIL-kM5&opi=89978449>. Acesso em: 28 de set. 2022.

APÊNDICES



APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada a participar de uma pesquisa chamada AVALIAÇÃO DE SABERES E PRÁTICAS DE PUÉRPERAS ACERCA DO ALEITAMENTO MATERNO EM UMA MATERNIDADE DO INTERIOR DO MARANHÃO, realizada pela Universidade Estadual do Maranhão.

Se concordar em participar dessa pesquisa, você irá assinar esse documento em duas vias, sendo que uma ficará com o pesquisador e a outra com você, todas as páginas serão rubricadas pelo pesquisador responsável/pessoa por ele delegada.

O estudo visa avaliar saberes e práticas das puérperas internadas na Maternidade Carmosina Coutinho de Caxias - MA acerca do aleitamento materno, uma vez que, muitas mulheres possuem dúvidas e receios inerentes à amamentação. Por isso, os profissionais de saúde, incluindo os enfermeiros, precisam realizar práticas educativas contextualizadas sobre a temática. Nesse contexto, essa pesquisa tem o intuito de conhecer as informações que essas mulheres têm acerca do assunto e avaliar as técnicas usadas na amamentação e você irá contribuir para a construção de uma rede de colaboração, formulação de estratégias de orientação e apoio nessa conjuntura.

Você não é obrigada a participar dessa pesquisa. A sua participação pode não ajudar você diretamente, mas as informações da pesquisa poderão ajudar os profissionais de saúde no auxílio à puérperas, na transmissão de informação sobre a amamentação.

A participação na pesquisa não oferece risco a sua dignidade e os procedimentos adotados obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos (Resoluções nº 466/12 e 510/16) do Conselho Nacional de Saúde. A sua participação na pesquisa tem risco mínimo ou bem pequeno. Por exemplo, você pode se sentir cansada ou aborrecida ao responder o formulário; ter a sensação de constrangimento e invasão de privacidade e; medo de não saber responder ou de ser identificada. Se isso acontecer, nós estamos treinados para acolher eventuais desconfortos e também sua entrevista poderá ser interrompida a qualquer momento, se você desejar.

Ninguém vai ficar sabendo que você está participando da pesquisa, seu nome não ficará anotado em nenhum lugar e nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa serão publicados em revistas, como artigos científicos, mantendo sua

identidade preservada, garantidas sua privacidade e anonimato, pois os dados serão apresentados em números e os nomes em forma de códigos, por exemplo “Paciente 1 = P1”.

Para participar, você deverá responder algumas perguntas sobre você e sobre seu conhecimento sobre amamentação. A entrevista deverá durar cerca de 20 a 30 minutos. Você não terá despesas e também não ganhará vantagens financeiras para participar. Você terá o direito de ser informada sobre os resultados parciais deste trabalho e terá a liberdade de retirar o seu consentimento ou participação a qualquer instante.

O estudo é realizado por Eyshila Marília Almeida Rocha e coordenado pela Profa. Dra. Joseneide Teixeira Câmara, estaremos à disposição para tirar dúvidas que possam surgir após a sua participação, na Universidade Estadual do Maranhão no Centro de Estudo Superiores de Caxias - Anexo Saúde, localizado na Travessa Quininha Pires, nº 746, Centro, Caxias-MA, CEP: 65602-050, (99) 3521-3938 ou por e-mail: eyshilamarilia@hotmail.com, ou por telefone: (99) 99631-0123. Em caso de dúvidas sobre a ética da pesquisa, você também pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Maranhão, no mesmo endereço citado acima.

Declaro ter sido suficientemente informada e concordo com a participação na pesquisa.

Caxias (MA), ___/___/2023

Assinatura da participante

Assinatura do pesquisador



APÊNDICE B

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada para participar de uma pesquisa chamada AVALIAÇÃO DE SABERES E PRÁTICAS DE PUÉRPERAS ACERCA DO ALEITAMENTO MATERNO EM UMA MATERNIDADE DO INTERIOR DO MARANHÃO. O nosso objetivo é avaliar o conhecimento sobre aleitamento materno de puérperas internadas na Maternidade Carmosina Coutinho de Caxias-Ma.

Sua participação é de grande importância para que possamos entender quais os saberes e práticas das puérperas acerca do aleitamento materno para a construção de uma rede de colaboração, formulação de estratégias de orientação e apoio nessa conjuntura.

Para isso, vamos usar um material que é composto por perguntas sociodemográficas, antecedentes obstétricos, informações sobre a gravidez recente e perguntas sobre o aleitamento materno. Para participar deste estudo, a pessoa que é responsável por você vai assinar um Termo de Assentimento, que é um documento que autoriza que você participe. Além disso, ela poderá retirar essa autorização a qualquer momento, você para de fazer as atividades e isso não causará nenhum problema pra ela e nem pra você.

A participação na pesquisa não oferece risco a sua dignidade e os procedimentos adotados obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos (Resoluções nº 466/12 e 510/16) do Conselho Nacional de Saúde. A sua participação na pesquisa tem risco mínimo ou bem pequeno. Por exemplo, você pode se sentir cansada ou aborrecida ao responder o formulário; ter a sensação de constrangimento e invasão de privacidade e; medo de não saber responder ou de ser identificada. Se isso acontecer, nós estamos treinados para acolher eventuais desconfortos e também sua entrevista poderá ser interrompida a qualquer momento, se você desejar.

Os resultados da pesquisa serão publicados em revistas, como artigos científicos, mantendo sua identidade preservada, garantidas sua privacidade e anonimato, pois os dados serão apresentados em números e os nomes em forma de códigos, por exemplo “Paciente 1 = P1”.

Este documento está impresso em duas vias, sendo que uma cópia ficará com os pesquisadores e a outra será entregue a você ou o(a) seu(sua) cuidador(a).

Eu, _____, portadora do documento de identidade _____, declaro ter sido suficientemente informada. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que aceito participar da pesquisa.

Caxias (MA), ___/___/2023

Assinatura da participante

O(A) seu(sua) cuidador também irá assinar este Termo para confirmar que todas as informações foram passadas e para confirmar que ele concorda.

Assinatura do(a) cuidador(a) ou pessoa responsável

JOSENEIDE TEIXEIRA CÂMARA

Professora Orientadora

EYSHILA MARILIA ALMEIDA ROCHA

Aluna Pesquisadora

Contatos da pesquisadora responsável:

Fone: (99)3521-3938 / Email: josaeneide.tc@gmail.com

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CESC/UEMA

Endereço: Rua Quininha Pires, nº 746, Centro. CEP: 65620-050. Caxias-MA

Fone: (99) 3521-3938

ANEXO

ANEXO A

**AVALIAÇÃO DO CONHECIMENTO SOBRE ALEITAMENTO MATERNO ENTRE
PUÉRPERAS EM UMA MATERNIDADE DE CAXIAS-MA**

FORMULÁRIO

QUESTIONÁRIO ___/___/___

IDENTIFICAÇÃO DA MULHER E DADOS SÓCIO-DEMOGRÁFICOS

1. Nome (iniciais):

2. Qual a sua data de nascimento?

3. Você mora em qual cidade?

4. Você tem telefone(s) para contato?

() Não () Sim qual(is)?

5. A respeito da sua raça/cor, você se considera:

- () Branca () Parda
() Preta () Amarela
() Indígena

6. A respeito da sua situação conjugal, você...

- () Vive com companheiro
() Tem companheiro, mas não vive com ele
() Não tem companheiro **(VÁ PARA 9)**

7. Estado Civil:

- () Solteira () Casada
() Divorciada () Viúva

8. Há quanto tempo você vive ou está com este companheiro?

| _____ anos | _____ | meses

9. Onde e como você mora atualmente?

- Em imóvel próprio
- Em imóvel alugado
- Em casa do companheiro
- Em casa de outros familiares
- Em casa de amigos
- Em habitação coletiva (hotel, hospedaria, quartel, pensionato, república, etc.)
- Outros _____

10. Quantas pessoas moram em sua casa? (incluindo você e o bebê)

- Moro sozinha com o bebê
- 3 4 5 6 Mais de 6

11. Quem mora com você?

- Moro sozinha
- Moro com os pais
- Marido/companheiro e filhos

12. Você sabe ler e escrever?

- Sim Não Mais ou menos

13. Qual sua escolaridade?

- Analfabeta
- Fundamental completo
- Fundamental incompleto
- Ensino médio completo
- Ensino médio incompleto

- Superior complete
- Superior incompleto

14. Você tem algum trabalho em que ganhe dinheiro (remunerado)?

- Sim Não **(VÁ PARA 19)**

Atenção! Se a mulher não tiver trabalho remunerado, for autônoma ou empregadora, vá para 19.

15. Atualmente qual seu trabalho principal?

- Servidora pública
- Empregada, não servidora pública
- Autônoma
- Empregadora

16. Há quanto tempo você trabalha neste emprego?

17. Quantos dias da semana você trabalha neste emprego?

18. Você tem carteira assinada?

- Sim Não

19. Você vai receber licença maternidade?

- Sim Não

20. Você tem outro tipo de renda, como pensão, aposentadoria, aluguel ou bolsa família?

- Sim Não

21. Quem é o chefe da família?

- Eu - a própria mulher **(VÁ PARA 23)**
- O companheiro
- Outra pessoa da família

() Outros _____

22. Qual a escolaridade do chefe da família?

() Analfabeto

() Fundamental completo

() Fundamental incompleto

() Ensino médio completo

() Ensino médio incompleto

() Superior completo

() Superior incompleto

23. Qual a renda familiar total?

() Nenhuma

ANTECEDENTES OBSTÉTRICOS

24. Quantas vezes você já esteve grávida, contando com esta gravidez e algum aborto que você tenha tido? **(SE 01 VEZ, VÁ PARA 28)**

_____ vezes

25. Quantos filhos você tem, incluindo o atual?

26. Algum bebê seu nasceu vivo e morreu antes de ter um mês de vida?

() Sim, quantos? _____

() Não

27. Qual foi a data do seu último parto (bebê vivo ou morto), antes desta gravidez?

_____/_____/_____

GRAVIDEZ ATUAL

28. Você fez pré-natal na gravidez desse bebê?

() Sim

() Não **(VÁ PARA 32)**

29. Onde o pré-natal foi realizado?

- SUS Particular
 Convênio

30. Quantas consultas você teve durante o pré-natal?

31. Em alguma consulta deste pré-natal foi feito exame/avaliação das mamas?

- Sim Não

32. Duração da gravidez:

_____ semanas _____ dias

33. Tipo de parto:

- Normal Normal com analgesia
 Cesariana

INFORMAÇÕES SOBRE ALEITAMENTO MATERNO

Agora vou fazer algumas perguntas sobre amamentação.

34. Você tem algum conhecimento sobre amamentação?

- Sim Não **(VÁ PARA 36)**

35. Qual a principal forma a qual você obteve este conhecimento?

- Por familiares e amigos
 Por profissionais de saúde
 Por meios de comunicação (tv, internet, revistas, etc.)

36. Você foi amamentada?

- Sim Não **(VÁ PARA 38)**

Não sei **(VÁ PARA 38)**

37. Por quanto tempo?

- Por menos de 6 meses
 Até os 6 meses de idade
 De 7 a 12 meses

- Por mais de um ano de idade
- Não sabe informar

38. Você já amamentou antes?

- Sim Não (**VÁ PARA 46**)

39. Quantos filhos você já amamentou?

40. Todos os seus filhos foram amamentados?

- Sim Não

41. Você amamentou seu último filho?

- Sim Não (Vá para

42. Por quanto tempo amamentou seu último filho?

_____ anos _____ meses _____ dias

43. Você teve alguma dificuldade para amamentar este último filho?

- Não
- Sim

44. Você deu só leite materno para seu último filho até que idade?

- Por menos de 6 meses
- Até 6 meses de idade
- de 7 a 12 meses de idade
- Por mais de 1 ano
- Não sabe informar

45. Qual outro alimento foi o primeiro que você ofereceu para seu último filho? (Além do leite materno).

- Água
- Chá
- Outro leite
- Suco/fruta
- Sopa

- () Comida
 () Outro _____

46. Alguém na sua casa já amamentou?

- () Sim (**VÁ PARA 48**)
 () Não

47. Você conhece alguém próximo seu que já tenha amamentado?

- () Sim () Não

48. O que seu companheiro acha de você amamentar seu filho?

- () Importante, quer que eu amamente (**VÁ PARA 50**)
 () Não quer que eu amamente
 () Não diz nada a respeito/ Nunca falou sobre o assunto (**VÁ PARA 50**)
 () Outro _____

49. O que sua família (mãe, pai, irmãos, etc.) acha da amamentação?

- () Importante, quer que eu amamente
 () Não quer que eu amamente
 () Não diz nada a respeito/ Nunca falou sobre o assunto
 () Outro _____

50. Já explicaram para você como colocar o bebê no peito para mamar?

- () Sim () Não (**VÁ PARA 53**)

51. Quem explicou?

- () Mãe, sogra ou outro parente
 () Vizinha ou amiga
 () Agente de saúde
 () Profissional de saúde no acompanhamento pré-natal
 () Outro profissional de saúde
 () Outros _____

52. Já explicaram como tirar o leite do peito com as mãos depois do parto, se precisar?

- () Sim () Não (**VÁ PARA 55**)

53. Quem explicou?

- Mãe, sogra ou outro parente
- Vizinha ou amiga
- Agente de saúde
- Profissional de saúde no acompanhamento pré-natal
- Outro profissional de saúde
- Outros _____

54. No pré-natal você recebeu informações/ orientações sobre amamentação?

- Sim Não **(VÁ PARA 62)**

55. Quem informou?

- Médico
- Nutricionista
- Enfermeiro
- Técnico de enfermagem
- Outro profissional de saúde
- Agente de saúde
- Outro

56. Você acha que as orientações sobre amamentação que foram dadas no pré-natal foram suficientes?

- Sim Não

57. Você acha que no pré-natal você recebeu apoio para poder amamentar o seu bebê de forma eficaz?

- Sim Não

58. No pré-natal mostraram a você como colocar o bebê no peito para mamar?

- Sim Não

59. No pré-natal explicaram como tirar o leite do peito com as mãos, se precisar?

- Sim Não

60. No pré-natal disseram até quando o bebê deve mamar só no peito?

- Sim Não

INFORMAÇÕES SOBRE O PARTO E PÓS-PARTO

Agora vou fazer algumas perguntas sobre o parto e sobre a maternidade.

Nome do bebê _____

61. Sexo do bebê:

Masculino Feminino

62. O/A (nome do bebê) mamou no peito na sala parto?

Sim Não

63. Você está amamentando o bebê?

Sim Não **(VÁ PARA 66)**

64. Se sim, está em:

Aleitamento materno exclusivo

Aleitamento misto

65. Você pretende amamentar/seguir amamentando seu bebê?

Sim Não

Mais ou menos/ Um pouco

Não sei

66. Quando você amamentou este bebê pela primeira vez?

Não amamentei **(Vá PARA 71)**

Durante a 1ª hora de vida do bebê

Depois da 1ª até a 6ª hora

Depois da 6ª hora de vida

67. Teve ajuda na primeira mamada?

Sim Não **(VÁ PARA 70)**

68. Se sim, quem ajudou?

Enfermeiro

Técnico de enfermagem

Familiar

Companheiro

Outros _____

69. O que sentiu pela primeira vez que amamentou? Correspondeu às suas expectativas?

- Sim, foi mais agradável do que pensava
 Não, foi menos agradável do que pensava

70. Aqui no hospital você recebeu orientações sobre amamentação?

- Sim Não

71. Aqui no hospital mostraram a você como colocar o bebê no peito para mamar?

- Sim Não

72. Aqui no hospital mostraram a você como tirar o leite do peito com as mãos, se precisar?

- Sim Não

73. Aqui no hospital disseram até quando o bebê deve mamar só no peito?

- Sim Não

DÚVIDAS SOBRE AMAMENTAÇÃO

74. Você tem alguma dúvida sobre amamentação?

- Não (Vá para o Instrumento)
 Sim

CONHECIMENTO SOBRE AMAMENTAÇÃO

Instrumento para avaliação do nível conhecimento sobre amamentação

Instruções para preenchimento: Para cada afirmativa abaixo, por favor, indicar a resposta marcando o número correspondente.

1= Verdadeiro

2= Falso

3= Não sei

Agora vou ler pra você algumas afirmativas e você deverá me responder “verdadeiro”, “falso” ou “não sei”.

	Verdadeiro	Falso	Não sei
1. Deve-se dar ao bebê somente leite materno até seis meses de idade sem oferecer água, chás ou qualquer outro alimento.	1	2	3
2. A amamentação não deve ser sob livre demanda, ou seja, o bebê não deve mamar na frequência e duração que ele quiser.	1	2	3
3. O colostro é o primeiro leite materno que possui aspecto mais grosso, coloração amarelada e é rico em anticorpos.	1	2	3
4. O aleitamento materno não reduz o risco a doenças, tais como diarreia, infecções respiratórias, infecções intestinais.	1	2	3
5. A amamentação reduz a chance de obesidade.	1	2	3
6. O aleitamento materno ajuda no desenvolvimento intelectual da criança.	1	2	3
7. A amamentação ajuda a mãe a ter uma perda mais demorada do peso acumulado na gestação.	1	2	3
8. A amamentação contribui para aumento do risco de câncer de mama e ovário.	1	2	3

9. A amamentação proporciona maior interação da mãe com seu bebê.	1	2	3
10. A pega correta consiste no bebê abocanhar apenas o mamilo, sendo visível toda aréola do seio materno.	1	2	3
11. Para uma correta pega do bebê ao seio da mãe o corpo do bebê deve ficar totalmente voltado para o corpo da mãe (posição de barriga com barriga).	1	2	3
12. Se na hora da mamada o queixo do bebê estiver tocando o seio e o lábio inferior estiver virado para fora deve-se reposicionar o bebê, pois ele não está com uma pega correta da mama.	1	2	3
13. Em caso de rachadura no seio a mãe deve utilizar produtos como sabão, álcool e qualquer produto secante para acelerar a cicatrização da pele.	1	2	3
14. Para casos de fissuras no seio recomenda-se o uso do próprio leite materno para proteger e hidratar o seio.	1	2	3
15. Deve-se evitar o uso de protetores de mamilo, pois ele além de não serem eficazes podem causar trauma/lesão à mama.	1	2	3

Obrigada pela sua colaboração

